UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Neusa Maria Bueno de Mendonça

Memórias escolares na Penitenciária Feminina de Campinas

Campinas

2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Neusa Maria Bueno de Mendonça

Memórias escolares na Penitenciária Feminina de Campinas

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP,
para conclusão do Curso de Pedagogia,
sob orientação da Professora Doutora Dirce Dijanira Pacheco e Zan

Dedico este trabalho a todos que colaboraram para que meu percurso acadêmico pudesse acontecer.

Agradecimentos

Agradeço às pessoas que proporcionaram as condições para eu pesquisar fora e dentro das Instituições Penitenciárias de Campinas.

Agradeço aos funcionários da FUNAP de Campinas que colaboraram para essa produção de conhecimento.

Agradeço aos diretores e funcionários das Penitenciárias de Campinas que me acolheram no interior das prisões.

Agradeço à Professora Doutora Dirce Djanira Pacheco e Zan pela sua orientação, paciência e dedicação. Lembrando que sem o seu apoio meu trajeto seria muito mais difícil.

Agradeço a Beatris Possato pelo apoio, orientação e dedicação como segunda leitora desse trabalho, no qual se fez presente toda a sua qualidade profissional.

Agradeço a Pablo Neruda pelos versos escritos em seu livro Jardim de Inverno, nos quais bebi beleza, aos finais dos meus dias enegrecidos e desesperados.

Agradeço aos meus familiares que tiveram muita paciência para comigo, ouvindo-me no desabafo em desacordo com o sistema.

Agradeço a todas e a todos encarcerados do sistema prisional de Campinas por sua atenção.

Saber de todos

*Alguém perguntará mais tarde, alguma vez
buscando um nome, o seu ou qualquer outro nome,
por que não estimei sua amizade ou seu amor
ou sua razão ou seu delírio ou seus trabalhos:
terá razão: foi meu dever ter te nomeado,
a ti, ao bem distante e ao mais perto,
a algum seja pela sua heróica cicatriz,
à mulher aquela pela sua pétala,
ao arrogante pela sua inocência agressiva,
ao esquecido por sua obscuridade insigne.*

Mas não tive tempo nem tinta para todos.

*Ou bem o desprezo da cidade, do tempo,
o gelado coração dos relógios
que bateram cortando minha medida,
algo passou, não decifrei,
não peguei todos os significados:
peço perdão ao que não é presente:
minha obrigação foi compreender a todos, delirante,
débil, tenaz, manchado, heróico, vil,
amante até as lágrimas, ingrato,
redentor agarrado em sua cadeia,
enlutado campeão da alegria.*

Ai, para que contamos tuas verdades

Se eu vivi com elas,

E se eu sei que sou cada um e cada vez,

Se eu me chamo sempre com o teu nome.

NERUDA, Pablo. Jardim de Inverno.(1971-1973)

Sumário

Capítulo I – O Presídio Feminino de Campinas.....	09
1.1 - Regime Fechado.....	15
1.2 – Um perfil teórico da prisão e sua representação nos presídios.....	16
1.3 - Complexo Penitenciário Campinas-Hortolândia.....	17
1.4 - O estágio em uma unidade prisional.....	19
1.4.1 – A chegada ao presídio e a determinação.....	20
Capítulo II – Mulher e Violência	22
2.1- A mulher na Penitenciária Feminina de Campinas.....	23
2.1.1 – Aspectos físicos da Penitenciária Feminina de Campinas.....	24
Capítulo III – A realidade de escolas em presídios: uma diferença de gênero.....	27
3.1 – Projeto tecendo a Liberdade.....	27
3.2 – Os espaços físicos das escolas dos presídios masculinos e feminino e as diferenças entre eles.....	31
3.3 – A liberdade.....	34
Capítulo IV – A Escola do Presídio Feminino de Campinas.....	36
4.1 – Arquitetura da Escola da Penitenciária Feminina de Campinas.....	37
4.2 – Desabafo na sala de aula.....	42
4.3 – Remição de pena pelo estudo ainda não existe.....	42
4.4 – Tentativa de fuga.....	43
Capítulo V – Memórias escolares na Penitenciária Feminina de Campinas.....	45
5.1 – Subjetividade das alunas da escola do presídio.....	45
5.1.1 – Gravidez precoce: uma causa do abandono escolar.....	46
5.1.2 – Trabalho infantil: outra causa do abandono escolar.....	48
5.1.3 – Romance como leitura favorita das alunas.....	49
Apontamentos Finais.....	51
Anexo.....	53
Referências Bibliográficas.....	68

Introdução

O presente trabalho relata parte de uma realidade multifacetada encontrada dentro da prisão feminina da cidade de Campinas, enfatizando as lembranças e as experiências escolares destas detentas.

Esta pesquisa foi realizada através da observação de fragmentos do cotidiano da escola do presídio feminino de Campinas e de conversas informais e questionários aplicados com as presidiárias estudantes nesta escola. Os motivos que me levaram a fazer essas visitas foram: a vontade de conhecer as escolas dos presídios da cidade de Campinas, no estado de São Paulo, observando como acontecem as relações interpessoais entre educadores e educandos; conhecer também as razões que levaram essas mulheres a abandonarem a instituição escolar, desvelando as causas desse abandono.

O questionário foi aplicado com o objetivo de traçar um perfil dessas mulheres prisioneiras e de recuperar parte de suas lembranças acerca da experiência escolar por elas vivida. Também foi necessário um trabalho de levantamento bibliográfico que abordasse a temática da prisão, em especial, da condição de mulheres encarceradas no Brasil.

Esse estudo revelou trajetórias escolares marcadas pela descontinuidade e pelo fracasso. São relatados pelas mulheres pesquisadas, episódios de preconceitos e violência sofridos quando eram estudantes das escolas regulares. Ao mesmo tempo, são relevantes as lembranças da escola como um espaço de sociabilidade e de acolhimento.

Capítulo I: O Presídio

Buscar entender as condições de educação nas escolas dos presídios, em particular, no caso do Presídio Feminino de Campinas, poderá contribuir para o planejamento de novas propostas em educação penitenciária. Esse é, portanto, um dos objetivos deste trabalho. Além disso, o estudo aqui apresentado também busca mostrar algumas mudanças vividas pelos sujeitos nesta relação entre Instituição-Detento, através de sua participação nas escolas do presídio.

Mostrando-se a situação das escolas nos presídios, poder-se-á calcar sugestões para promover mudanças institucionais, relacionadas às situações-problemas que virão a partir daí, e seguir em busca de melhorar as condições das escolas nas prisões de Campinas. (MONTEIRO, 2007).

Nos presídios paulistas esta tarefa está a cargo da FUNAP (Fundação Professor Doutor Pedro Pimentel) que tem como tema de ensino e de trabalho: “O Amparo ao Preso e ao Egresso. Uma nova chance de vida para todos!”. A FUNAP é uma instituição que trabalha com a educação nos presídios, seguindo projetos de ensino próprios. Um deles é o projeto “Tecendo a Liberdade”. Esse projeto faz parte do trabalho pedagógico nos presídios do Estado de São Paulo. Também se faz presente, no sistema penitenciário entre os CRs - Centros de Ressocialização, o sistema de aula de telessala¹, um projeto da Secretaria da Educação para EJA – Educação de Jovens e Adultos - com presença flexível.

A prisão é uma instituição oficialmente caracterizada como um ambiente de ressocialização e nela, a educação constituiu-se num dos elementos que pode contribuir para que este objetivo seja alcançado, diminuindo as perdas sofridas, no espaço de tempo em que estes cidadãos ficaram encarcerados (MELO, 2005). Alguns juízes como Nagashi Furukawa, defendem

¹ A Telessala é um ambiente de aprendizagem, investigação, de pesquisa, de construção e de criatividade. Nela, os equipamentos (videocassete, DVD-player, televisor, rádio, microcomputador, aparelho de som e outros meios) estão disponibilizados para dar suporte à vivência nos módulos e à concretização das atividades. A telessala pode se localizar numa sala de aula ou adaptada em lugares públicos ou privados: igrejas, empresas, associações, centros culturais, presídios, etc. Nela a maioria das atividades é realizada em equipe respondendo à necessidade do aprendizado da construção coletiva, da partilha e da convivência entre os diferentes. É um ambiente privilegiado de construção coletiva do conhecimento e oferece, por meio dos conteúdos e da metodologia, oportunidades variadas para que o aluno reflita sobre o seu papel como sujeito da história, e adote novas posturas, e atitudes diante do seu contexto sócio-cultural. Sua dinâmica leva o professor a contextualizar e a trazer a realidade do aluno para a sala de aula, onde ele aprende a relacionar teoria e prática, a desenvolver o pensamento reflexivo e crítico, a identificar e resolver problemas concretos e a ler o mundo.

a redução de pena para os detentos que freqüentam a escola. Existe inclusive solicitação para que essa proposta seja transformada em lei².

Os trabalhos de Foucault, em especial aqueles divulgados a partir da década de 1970, nos permitem compreender o presídio no seu caráter disciplinador e no exercício do poder do Estado. Para Michel Foucault (1984) a disciplina tem como principal função regular e manter o poder hierárquico social dentro das instituições, como ocorre na prisão. Para Foucault a obriedade da prisão tem fundamentação, também, em seu papel de regramento ou determinações, funcionando como um aparelho transformador dos indivíduos. Para o autor, a prisão assemelha-se:

...um quartel um pouco estrito, uma escola sem indulgência, uma oficina sombria, mas, levando ao fundo, nada de qualitativamente diferente. Esse duplo fundamento – jurídico-econômico por um lado, técnico-disciplinar por outro – fez a prisão aparecer como a forma mais imediata e mais civilizada de todas as penas. E foi esse duplo funcionamento que lhe deu imediata solidez. Uma coisa, com efeito, é clara: a prisão não foi primeiro uma privação de liberdade a que se teria dado em seguida uma função técnica de correção; ela foi desde o início uma “detenção legal” encarregada de um suplemento corretivo, ou ainda uma empresa de modificação dos indivíduos que a privação de liberdade permite fazer funcionar no sistema legal. Em suma, o encarceramento penal, desde o início do século XIX, recobriu ao mesmo tempo a privação de liberdade e a transformação técnica dos indivíduos. (FOUCAULT, 1984, p.208-209).

Segundo Foucault, a partir da era clássica observa-se o corpo como objeto e alvo do poder. Alguém pode obter comportamento desejado de outro alguém mediante treinamento, assim como observamos, até hoje, as condutas regimentares dos soldados nos quartéis. Um dos objetivos desse modelo de coerção e de manipulação sobre os corpos é o de se fazer surgirem homens formados e disciplinados, como aquele que o modelo de manipulação manda. É a dominação sobre os homens que os transformará em proprietários de corpos dóceis, fáceis de serem ensinados, de conduzir e de guiar. Esse controle sobre os corpos tem como finalidade a

² “Alguns juízes já concedem a remição pela educação, mas a legislação precisa ser alterada para que funcione totalmente”, afirma Furukawa. FUNAP, 2006. Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel. *Presos de São Paulo lêem e escrevem melhor que população brasileira*. São Paulo, 28 de abril de 2006 [online]. Disponível em: <http://www.funap.sp.gov.br/news_45.html> Acesso em 16 de março de 2010.

criação da docilidade do homem. Foucault, também, nos mostra que não existem sociedades livres de relações de poder. Os indivíduos são resultados imediatos dessas relações. Esse poder age sobre os corpos como forma disciplinadora promovendo a sua docilidade, obediência, treino e também que se moldem àquilo que é exigido.

Foucault (1984) apresenta o lado coercitivo da disciplina e também seu lado necessário. Ele desenha alguns registros sobre o grande livro do “Homem-máquina” de La Mettrie, no sentido técnico-político formulado por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e organizados. Tais ações se referem às finalidades pontuais de controlar ou de corrigir as operações do corpo. Conclui que são os poderes coercivos sobre os corpos que os levam em alguns momentos à submissão e utilização, e em outros, de funcionamento e de explicação: corpo útil, corpo inteligível.

Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito unidos mutuamente, que lhes impõem limitações, proibições ou obrigações.

O livro “Homem-máquina” de La Mettrie é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Os famosos autômatos, por seu lado, não eram apenas uma maneira de ilustrar o organismo; eram também bonecos políticos, modelos reduzidos de poder: obsessão de Frederico II, rei minucioso das pequenas máquinas, dos regimentos bem treinados e dos longos exercícios. (Foucault, 1984, p.126).

A disciplina é uma fórmula de dominação geral. Na instituição prisão todos estão sujeitos às normas de comportamento e de controle sobre os corpos, pelo poder vigente. A disciplina sujeita um corpo à docilidade-utilidade. A docilidade-utilidade sobre o corpo resulta de uma subjeção constante sobre ele. Nas prisões o indivíduo será submetido a uma disciplina que controle suas ações, seus pensamentos, sua condição física, seus sentimentos, e suas atitudes perante as autoridades e funcionários daquela instituição. A disciplina também cria e impõe novas atitudes nas inter-relações entre os presidiários. A subjeção do indivíduo o controla, insistentemente para a obtenção de resultados previamente esperados. O corpo submetido às regras disciplinares de conduta vigentes na instituição prisão deve responder com mudanças drásticas de comportamento. A disciplina é o método que permite o controle minucioso das operações do corpo, como resultado o corpo se torna dócil e pode então seguir aos rígidos controles da instituição. O corpo dócil neste caso, dentro de uma prisão, seguirá a um rígido

código penal não escrito e criado pela própria população carcerária, até mesmo porque, dentro das prisões existe a questão da sobrevivência. Nas redes de poder os indivíduos com seus corpos dóceis se tornam suas presas, recriadas e reclassificadas conforme seus interesses.

Foucault (1984) ao estudar o funcionamento do poder nas sociedades modernas, afirma que procedimentos disciplinares já existiam há muito tempo, nos exércitos, nos conventos, nas oficinas de trabalho, porém esses modelos disciplinares se tornaram regras gerais de dominação dos indivíduos a partir dos séculos XVII e XVIII.

Nas técnicas de docilidade dos corpos primeiramente se obtém um controle sobre eles, não como forma de cuidado, mas sim como uma maneira de trabalhá-lo minuciosamente. Isso significa exercer sobre o corpo uma coerção incessante, sustentando este corpo ao nivelamento da mecânica. Essa coerção atua nos gestos, atitudes e na rapidez do corpo. Trata-se de um poder transformador e muito sutil agindo sobre o corpo resistente. Na seqüência, recai sobre os corpos o controle sobre o efeito desejado de seus movimentos, da sua organização interna e da economia. O domínio e a consciência do corpo só é possível através de exercícios disciplinares. O corpo se torna cada vez mais dócil quando há coação sobre as forças em detrimento dos seus sinais, aqui, a importância é a do exercício. Esse modelo de ação acarreta numa coerção sem fim, incessante, agindo sobre os processos da ação mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que examina minuciosamente ao máximo o tempo, o espaço e os movimentos. Para todas estas formas de se controlar os corpos, atuando fortemente sobre a dominação de suas forças, transformando-os dóceis, dá-se o nome de “disciplina”.

Para Foucault (1984) as disciplinas mostram uma arte do corpo humano. Seria uma arte que não visa unicamente o aumento das habilidades deste corpo, nem mesmo a marcação de sua obediência, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, bem como se pode acontecer o inverso destas modalidades de ações. Forma-se então a política das coerções. Estas coerções são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, desarticulando-o e recompondo-o. Trata-se de uma “anatomia política”, que também é igual a uma “mecânica do poder”. É uma característica de poder sobre o corpo que está sendo criada. Ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros. Um domínio não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina.

Foucault rompe com as concepções clássicas de poder. O poder é móvel e pulverizado sobre as diversas relações, pode ser positivo quando é necessário e contém uma função social. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminuem essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). A disciplina dissocia o poder do corpo. Ela o faz, um corpo apto, e ao mesmo tempo procura aumentar sua capacidade. Invertendo por outro lado a energia e a potência que poderia resultar disso. Cria-se uma relação de sujeição estrita para o corpo. No caso da exploração econômica que separa a força e o produto do trabalho, ao se sujeitar o corpo à coerção disciplinar, será estabelecido no corpo, o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

Foucault (1984) mostra que essa nova anatomia política é encontrada nos colégios, desde muito cedo e mais tarde nas escolas primárias. Nas escolas, o rigor desta anatomia política sobre os corpos e comportamento básico de seus alunos, relaciona-se com a sua tese, sobre a disciplina, aqueles momentos em que os alunos são proibidos de falar durante a aula, devem sentar-se corretamente nas cadeiras para não prejudicar a coluna vertebral; os alunos não podem se levantar da cadeira a qualquer momento sem a permissão de seus professores; eles têm que sinalizar sua fala, levantando o braço caso queiram se expressar verbalmente em determinado momento, bem como no caso de necessitar ir ao banheiro. Durante o recreio os alunos não podem correr para não cair ou machucar, aconselha-se a não brincarem com terra para não sujar a roupa, seus corpos e nem o material escolar, e também não podem beber água o tempo todo. Durante as atividades escolares os alunos não podem olhar para o lado e nem conversar com os colegas vizinhos. Com relação aos professores, essa disciplina segue a obediência de não poderem se ausentar da sala de aula, e nem usar roupas curtas e deselegante. Por vezes, os professores devem se calar diante das injustiças e grosserias por causa de ameaças e punições perante a direção da escola.

Na seqüência, muito vagarosamente, essa anatomia política alcançou os hospitais e por décadas fizeram a reestruturação da organização militar. Ela ficou sendo entendida como uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que recordam e se repetem, ou se imitam, apoiando-se uns sobre os outros, distinguindo-se segundo seu campo de aplicação, por vezes entram em convergência e articulam aos poucos a fachada de um método geral disciplina.

Foucault mostra que o Estado não é o ponto de partida na origem de todo tipo de poder social. Por vezes foi fora dele que se solidificaram as relações de poder, essenciais para situar a procedência dos saberes modernos, que, com tecnologias próprias e relativamente se governando por leis próprias foram investidas, anexadas, utilizadas, transformadas por formas mais gerais do exercício de mando concentradas no aparelho de Estado.(FOUCAULT, 2006,p.XIV)

Nas prisões, a disciplina é regra geral para controlar, vigiar, punir e docilizar corpos. Verifiquei, durante minhas visitas a Penitenciária Feminina de Campinas que neste sistema penitenciário os ingressantes ao presídio, as visitas e os funcionários são regrados a todo o momento, conforme os procedimentos disciplinares que ali já existiam anteriormente. Dentro da instituição os corpos ficam presos a seu poder, sujeitos às suas proibições, suas limitações e suas obrigações. As questões disciplinares tanto para os detentos, como para as visitas, e também para os funcionários têm que ser seguidas, sob pena de punição severa. O regime de disciplinas dentro das penitenciárias acontece para a coerção do indivíduo em seus diferentes graus. Lembrando sobre aquilo que diz Foucault a respeito de sua definição das artes da distribuição dos indivíduos nos seus espaços: “A arte das distribuições. A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso, utiliza diversas técnicas...” (FOUCAULT, 1984, p.133)”.

Nos presídios, portanto, a disciplina é a máxima que orienta todas as ações do sistema. Uma das técnicas usadas para garantir a disciplina nos presídios é aquela em que o presídio deve ser um local extremamente fechado por muralhas, no qual a localização do indivíduo se torna particularmente mais fácil, bem como, sua vigilância. Essa maneira de “olhar” o detento dentro do pátio da prisão se deve especialmente à arquitetura dos prédios, nos quais existe um vazio no centro da construção. Este espaço interno vazio permite que qualquer pessoa que esteja posicionada no centro dele consiga ter uma visão ampla de todo o interior do prédio. É o que Foucault (1984) denomina de visão panóptica³. O prédio das instalações do Presídio Feminino de Campinas lembra essa estrutura, onde o terreno é cercado por muralhas altas. Sobre as muralhas transitam os guardas-de-muralha que as vigiam diuturnamente. As celas do presídio estão dispostas lado a lado, contornando todo o prédio, com as entradas das celas voltadas para o pátio.

³ Panóptico.adj.(Do gr. Pan, tudo + optkus, visão) Diz-se de um ponto de visão privilegiada e ampla (muito utilizado em certas construções como, p. ex., nas prisões, em que a posição do guarda é escolhida segundo este critério).GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, 1987.

Nas penitenciárias, a disciplina sobre os corpos para obtenção de atitudes eficientes, são pontuais em situações muito particulares. O modelo prisional preexiste à sua utilização de forma constante nas leis penais. Ele se formaliza fora do aparelho judiciário, quando se elaboram, por todo o corpo social, os processos para se dividir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los dentro dos espaços, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo, e o máximo de forças, moldar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa vigilância constantemente visível, formar em torno deles um aparelho completo de observação, de registros e de anotações, construir sobre eles um conhecimento centralizado, que se acumula. E este formato geral de uma instrumentalização para tornar os indivíduos dóceis e úteis, através de um trabalho pontual sobre os corpos, criou a instituição-prisão, antes que a lei a definisse como a pena por excelência.(FOUCAULT, 1984, p.207).

No Brasil há várias modalidades de penas para o cumprimento das sentenças regulamentado por lei, os quais são subdivididos em vários tipos de regimes. Esses diferentes tipos de regimes de cumprimento de pena estão previstos no Código Penal Brasileiro e na Lei de Execução Penal, aplicada aos condenados classificados, segundo os seus antecedentes e personalidade, para orientar a individualização da execução penal. BRASI, Código de Processo Penal, Lei 7.210/(1984).⁴

1.1 - Regime Fechado

O regime fechado isola o encarcerado de seu mundo real, de seu cotidiano, de seu ambiente, de seus gostos, de seus entes queridos e de seus amores. Na prisão ele encontra hostilidade, repressão, desafeto e solidão. Para conseguir suportar a situação de estar vivendo por

⁴ - Regime Fechado: é cumprido em penitenciárias ou Centros de Ressocialização (CRs).

- Regime Semi-Aberto (RSA): é cumprido em Centros de Progressão Penitenciária (CPPs), Alas de Progressão Penitenciária (APPs), Institutos Penais Agrícolas (IPAs) ou (CRs. Nesse regime, o preso tem direito de deixar a unidade durante o dia para trabalhar e retornar em horário determinado. O direito ao semi-aberto pode ser solicitado quando um sexto da pena for cumprido.

- Regime Aberto (RA): pode ser cumprido na modalidade de Prisão Albergue Domiciliar ou Casa do Albergado, onde houver. Na Capital de São Paulo não existe albergue para cumprimento de pena. Quando o juiz concede RA, é permitido ao sentenciado cumpri-lo na modalidade Regime Aberto Domiciliar, ou seja, em casa.

- Regime Disciplinar Diferenciado (RDD): Destinado a presos provisórios e condenados que cometeram faltas graves ou oferecem alto risco se permanecerem em unidades comuns. A internação nas unidades de RDD, mediante ordem judicial, será no máximo de 360 dias, em cela individual e com restrição de visitas e banho de sol.

anos naquele ambiente hostil, cada indivíduo reage de uma forma particular. Há aqueles que sofrem suas angústias, calados. Há também outros sujeitos que se tornam ouvintes das outras queixas, adquirindo amigos. Observei pelos espaços das escolas dos presídios, através de contato pessoal, e, também, ouvi alguns relatos de alunos e de alunas das escolas dos presídios, que as pessoas dali são portadoras de uma tristeza visível exibida em seus olhares.

Nas penitenciárias de Campinas as atividades dos presidiários são controladas, bem como seus horários. Nestas prisões há horário e dia para tudo aquilo que nela acontece referindo-se aos seus prisioneiros. Os horários para se deitar e levantar são controlados, e também sobre a escolha do detento que vai trabalhar nas fábricas de dentro dos presídios. No caso do regime penitenciário do semi-aberto será controlado aquele indivíduo que trabalha fora da detenção. Os indivíduos são controlados pelos agentes penitenciários, pelos funcionários dos presídios, pelos guardas das muralhas e também pelos próprios detentos.

Quanto à elaboração temporal das ações, se justificam as regras disciplinares nos comportamentos sociais entre os detentos, observados, por mim, no trato entre eles durante as minhas visitas aos diferentes presídios de Campinas. Observei, também, que desde o pedido do detento para conseguir uma permissão para conversar na administração do presídio, pedido de consultas médicas, falar com as professoras do presídio, dirigirem-se aos funcionários e aos policiais, cada ação segue a regras de conduta. Todos os seus movimentos corporais, expressões faciais, tom de voz, todas as ações são formatados pela disciplina e vigilância constantes. Constituem-se de atos muito disciplinados e regrados. Nos presídios também notei algumas técnicas específicas de controle, sobre as conversas dos detentos ao se relacionarem na prisão, nas quais, até o tom de voz que é dirigido a alguém deverá ser com sutilezas e no momento certo. Caso o presidiário pretenda direcionar o olhar para alguém, ou entre eles próprios, as regras de conduta do presídio devem ser rigidamente seguidas por todos.

1.2 – Um perfil teórico da prisão e sua representação nos presídios

Foucault apresenta como perfil da prisão, que o Estado pode dispor da liberdade da pessoa e do tempo do detento. Sendo assim, utiliza-se da força e do controle sobre eles. O

- Regime Disciplinar Especial (RDE): Destinado a presos provisórios e condenados que cometeram faltas graves como tentativa de fuga e participação em rebelião. A internação nas unidades de RDE será no máximo de 360 dias, porém em celas coletivas. (FUNAP.2005.p.5).

controle sobre o preso compreende também sobre o seu tempo da vigília e de sono, ou seja, sobre a atividade e o descanso, como também do número e a duração das refeições. A quantidade e a variedade dos alimentos dos presos são igualmente controlados. Também, estão sob essa força constante de controle a natureza e o produto do trabalho, o tempo das suas meditações religiosas, de que maneira usar as palavras, e por assim dizer, até o controle do pensamento do presidiário. (FOUCAULT, 1984,p.211).

No Complexo Penitenciário Campinas-Hortolândia e na Penitenciária Feminina de Campinas constatei a presença do Estado na manipulação dessa força sobre as ações dos sujeitos, de forma a serem todos enquadrados dentro das normas de conduta da prisão como explicou Foucault no parágrafo anterior.

1.3 – Complexo Penitenciário Campinas - Hortolândia

Um complexo penitenciário é territorialmente extenso, ou melhor, é um complexo de edifícios que é utilizado para o encarceramento dos indivíduos. Ele ocupa um bairro inteiro. Nele há inúmeros edifícios com vários andares cada um, dentro dos quais ficam as celas. A administração de cada presídio fica sempre próxima às saídas. Cada presídio fica dentro de um circuito de muralhas que possui vigilância constante.

O Complexo Penitenciário Campinas-Hortolândia é um presídio situado na cidade de Hortolândia, fica na divisa com a cidade de Campinas, no estado de São Paulo. O primeiro presídio instalado, ali foi o “Professor Ataliba Nogueira”, em 1986. Os CDPs – Centros de Progressão Penitenciária foram construídos em 2003. O complexo tem capacidade para 5394 presidiários. Faz parte do complexo sete unidades: três centros de detenção provisória, um centro de progressão de pena penitenciária e três penitenciárias. Ainda dentro de um dos presídios está a ALA de Progressão Penitenciária “Odete Leite de Campos Critter”. O Complexo fica na Rodovia Campinas-Monte Mor, entre os Km 4,5 e Km 5. Esse Complexo recebeu o apelido de “Carandiru Caipira” por receber, a partir de 2002, a maior parte dos 7 mil presos da antiga Casa de Detenção de São Paulo, o Carandiru, desativado no mesmo ano.

Nas recepções dos presídios, em dias normais de trabalho, durante a semana, tanto da Penitenciária Feminina de Campinas, do bairro do São Bernardo, em Campinas, quanto nas recepções de cada prédio do Complexo Penitenciário Campinas-Hortolândia, masculino, há uma

enorme movimentação de pessoas. Há policiais civis armados circulando nas portarias, tratando das suas funções; vários trabalhadores das instituições recepcionando a todos, bem como, presidiários sendo transferidos para outras unidades de detenção, dentro dos “bondes”⁵. Chegam e saem vários caminhões de mantimento pelos portões entre as trancas. Advogados de presos esperando por atendimento. É comum a presença de presidiários trabalhando ao redor dos prédios na conservação e jardinagem, como também é notada a presença dos responsáveis pela segurança destes presos. Há uma peculiaridade local de que estamos sendo vigiados por câmeras de vigilância a partir das ruas próximas do Complexo Penitenciário, até às entradas dos presídios.

A recepção em cada um dos prédios dos presídios masculinos do Complexo Penitenciário Campinas-Hortolândia fica entre duas primeiras trancas. Avançar dentro destas instituições é transpor trancas. Uma de cada vez. Nestas instituições não permanecem duas trancas abertas concomitantemente.

Andando pelo interior dos presídios, pude perceber que os espaços, entre trancas, na penitenciária feminina são menores, do que entre as trancas dos presídios masculinos, isto acontece pela diferença de tamanho entre os prédios destas prisões. As muralhas ao redor das penitenciárias são bem altas e permitem que os policiais da ronda nas muralhas vigiem sempre, os espaços internos da prisão e corram sobre elas, caso necessitem. O clima na prisão é pesado. Os detentos estão sob vigilância constante, tanto dentro de suas celas, nos pátios, nas fábricas e nas escolas do presídio. Possuem horários rígidos para a higiene, lavagem das roupas, refeições e descanso. Obedecem às regras de conduta no uso do banheiro e também em outras práticas cotidianas. Todas estas observações constatei durante minhas visitas aos presídios durante o meu estágio, e para entender qual é a teoria da prisão, Foucault a expõe de vários ângulos, mostrando sua constituição física e disciplinar.

Os espaços internos dos prédios dos presídios são sempre rodeados por muros, telas de aço e também por muralhas muito altas. Entre eles as trancas de ferro com cadeados. Nos presídios há a preocupação com a disciplina incessante; em disciplinar os sujeitos e que um sujeito, o Diretor de Disciplina deva responder por ela.

Adentrando-se no complexo penitenciário há um desconforto tanto físico como emocional. Os primeiros passos em seu interior são carregados de medo e de desequilíbrio. No

⁵ Bonde é uma denominação usada, no meio penitenciário, para os veículos de carroceria metálica fechada semelhante a um caminhão do baú e que servem para transportar os encarcerados até o Fórum e também para distribuí-los entre as penitenciárias.

caminho inverso a insegurança persiste. Depois de algumas idas e vindas nos acostumamos com essa sensação de perigo e aos poucos o mal estar desaparece.

Para fazer minha pesquisa junto das mulheres da Penitenciária Feminina de Campinas foi necessário um estágio dentro da Instituição Prisional, atendendo à grade curricular do curso de graduação de Pedagogia da UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS) e tentar encontrar a resposta para a questão sobre as lembranças escolares de mulheres encarceradas dentro desta prisão.

1.4 - O estágio em uma unidade prisional

O meu estágio pelas penitenciárias teve início durante o segundo semestre de 2008. Iniciei meu trajeto por visitas semanais, primeiramente na escola do presídio feminino de Campinas. Os meus estágios anteriores aos dos presídios foram no ensino fundamental. Caminhei por algumas escolas municipais e estaduais de Campinas. Nelas estagiei junto de crianças com até no máximo nove anos de idade.

Ao escolher uma unidade prisional para estagiar como aluna de Pedagogia da UNICAMP esperava conhecer melhor essa realidade para posteriormente contribuir pessoalmente, para a inserção social daqueles homens e mulheres encarcerados, como também, contribuir na melhoria de suas condições de vida, através da educação, bem como para sua formação pessoal e intelectual.

Foquei a cadeia para estagiar porque trabalho regularmente como Agente de Fiscalização da Prefeitura de Campinas e confronto-me cotidianamente com pessoas envolvidas em atos considerados de transgressão das regras sociais. A partir da minha profissão, foi que me interessei por conhecer o público encarcerado. No caminho dentro das prisões encontrei-me com sujeitos semelhantes aos que encontro pelas ruas de Campinas. Dessa forma, tive a oportunidade de trabalhar com adultos encarcerados e trocar experiências de ensino com alguns deles que freqüentavam as escolas da prisão, gerenciadas pela FUNAP.

Este estágio de Pedagogia foi produzido atendendo a disciplina: Estágios nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao entrar em contato direto com os alunos e as alunas prisioneiros; todos os monitores e monitores detentos; com a única professora da FUNAP, senhora Rita e a supervisora Lisande; e com os funcionários públicos dos mais variados escalões funcionais das

prisões, produziu em mim um aumento da qualidade na minha formação como pedagoga, tanto quanto profissional, bem como pessoal.

1.4.1 – A chegada ao presídio e a determinação

Desde a minha chegada no complexo penitenciário até o término do meu estágio na Instituição fui observada muitas vezes e senti pessoalmente o controle e a vigilância que a Instituição age sobre todos. Os porteiros me olhavam com desconfiança desde os primeiros momentos da minha chegada. Mais tarde, depois que me identificavam como professora, a austeridade se quebrava, e então, mostravam acolhimento. O próximo passo dentro de um presídio é a revista. As revistas pessoais são feitas pelas agentes de segurança do presídio. Os materiais didáticos são passados pelos raios-X. As professoras também passam por detector de metais. Se estiver calçando sapato de couro o alarme dispara e só depois das agentes penitenciárias os inspecionarem, olharem o visitante de cima em baixo numa revista geral consegue-se liberação para entrar pela recepção dos presídios. As chaves do carro e os documentos pessoais ficam guardados numa gaveta da portaria. Na saída eles são devolvidos. Entrar numa cadeia com um aparelho de telefone celular, nem pensar. Deixava meu telefone celular na minha bolsa, no meu carro. Pouco antes de minha saída do presídio, eu imaginava que o meu carro, não estaria no estacionamento. Foi sempre um engano meu e isso nunca aconteceu.

No sistema prisional a teoria de Foucault se faz presente, mostrando um sistema de vigilância, punição e docilidade dos corpos sobre todas as pessoas que freqüentam aquele espaço prisional. Na prisão a coação se faz mais sobre as forças, do que sobre os gestos. Fica evidente que o que importa é o exercício de vigiar. Como consequência, há uma coerção sem interrupção, que vigia sobre os processos das atitudes pessoais, mais que sobre seus resultados. É exercido esse poder, de acordo com uma codificação na qual se controla ao máximo o tempo, os espaços e os movimentos. (FOUCAULT, 1984.p.132).

Entrar numa cadeia é um momento pontual de coragem. A qualquer situação de rebelião podemos nos tornar refém. O refém é o valor de troca, entre os presidiários e a direção dos presídios para que sejam atendidas algumas exigências dos encarcerados. Nas penitenciárias, caso algum prisioneiro se rebele contra a instituição, poderá de repente ocorrer uma revolta em massa. Estamos falando de um fio tênue que separa a condição de paz e de guerra dentro dos presídios

de Campinas. Numa circunstância de revolta geral dos prisioneiros, os encarcerados devem se unir uns aos outros, pois todos são companheiros na luta, segundo as palavras de uma monitora do Presídio Feminino de Campinas. Trago esses apontamentos, como observações colhidas por uma pessoa de fora do presídio, como é o meu caso. O contato com a cadeia nos faz correr riscos e mostra que apesar da ostensividade policial no local, existe uma fragilidade importante ao homem.

Em conversa com vários funcionários de alguns presídios do Complexo Penitenciário Campinas-Hortolândia foram-me detalhadas algumas vezes em que eles foram tomados como reféns nestas penitenciárias.

Segundo um dos funcionários administrativo de um presídio do complexo penitenciário, há uma identificação particular do início de rebelião na cadeia. A identificação acontece quando num dado instante todos os presidiários iniciam um apitasso. Trata-se de um momento desesperador àqueles que trabalham mais próximo dos detentos que circulam livres dentro de algumas áreas do presídio. As investidas dos presidiários contra os funcionários da instituição acontecem a partir daí. Num deles uma funcionária escapou com sorte, por um segundo, de sofrer agressão por arma branca (estilete). Ela conseguiu ser mais rápida e chegar até a tranca mais próxima. Seus cabelos ficaram nas mãos do prisioneiro rebelado. Mais tarde, a funcionária pediu transferência para outro presídio do complexo penitenciário.

Há também outros relatos de funcionários, que foram reféns, dos presidiários durante algumas rebeliões em massa nos presídios. Todos os relatos caminham para o trauma, tanto individual, como no coletivo.

Capítulo II: Mulher e Violência

A violência contra as mulheres é legitimada socialmente e por muitas vezes seus agressores contemplam a impunidade. Há uma relação assimétrica entre homem/mulher composta pela desigualdade, hierarquia e dominação. (ROCHA, 2001.p.112).

A violência é um componente do processo de normatização das condutas masculinas e femininas atuando como mecanismo regulador das relações sociais, no sentido de conservar as relações de gênero e de não colocar em risco a ordem social. De certo modo, é possível afirmar através da autora, que a mulher que sofre violência é calada em nome da ordem social. Essa tradição de sufocar a palavra feminina é uma herança do regime patriarcal ao qual qualquer mulher estará sujeita a obedecer, enfim, essa violência contra a mulher a coloca no “seu lugar”, para o bem estar comum. Caso a mulher obedeça e permaneça em silêncio: melhor para todos. (ROCHA, 2001.p.112).

A mulher que vive essa situação de violência contra si, sofre com a situação participando cotidianamente como a parte mais fraca da relação homem/mulher. Neste caso, a mulher recebe a marca da dominação, hierarquização e desigualdade. A rudeza destas atitudes contra a mulher é legitimada pelas práticas sociais cotidianas. (ROCHA, 2001.p.112).

Mudanças têm ocorrido na sociedade brasileira fruto, em grande parte, das lutas das próprias mulheres na busca de seus direitos sociais. Um exemplo disso está na promulgação da Lei Federal nº 4.121 que define sobre a liberdade das mulheres na escolha do seu trabalho e sustento. A partir dessa lei de 27 de agosto de 1962, denominada de Estatuto Civil da Mulher Casada, a mulher passa a ser considerada companheira e colaboradora do marido. Essa lei também extinguiu o artigo do Código Civil pelo qual a mulher casada era considerada relativamente incapaz para praticar determinados atos, sendo equiparada aos menores de 21 anos, aos silvícolas e aos pródigos. Outras modificações introduzidas referem-se ao direito da mulher de exercer uma profissão sem prévia licença do marido, de “praticar todos os atos inerentes ao seu exercício e à sua defesa” e se dispor livremente do produto do seu trabalho e dos bens com ele adquiridos. (ROCHA, 2001.p.116).

Segundo Magalhães (2001) tem aumentado, no noticiário nacional, o relato de casos em que a mulher cada vez mais deixa de ser vítima e passa a ser autora de agressão. Acredito que muito disso aconteceu por falta de cuidado para com essa mulher, pela omissão do poder público

que deixou a mulher à deriva. São muitas vezes, vítimas de violência desde a infância e que não encontraram no poder público, e nem em suas famílias, muitas vezes, o apoio necessário para redefinir o rumo de suas vidas. Para o autor,

A começar da infância, percebemos que a maioria já sofreu os mais variados maus tratos, tais como: abuso sexual, estupro, abandono pela família, espancamento pelo padrasto, além de serem forçadas a ir para as ruas pedir esmolas. (MAGALHÃES, 2001. p. 104).

As causas e os caminhos percorridos pelas mulheres até o cárcere são inúmeros. Elas ficarão ali no presídio sendo vigiadas por algum tempo, podendo mais tarde retornar para a sociedade, apresentando então a docilidade em novos corpos sob todos os efeitos aos quais respondem à “condição penitenciária”. Seus corpos apresentarão uma mostra de que foram manipulados pela disciplina e pela dominação do poder institucional prisional. (FOUCAULT, 1984.p.237-9).

Além de todas essas circunstâncias sociais cruéis para uma mulher transpor ela precisará viver com dignidade. Magalhães (2001) aponta que o tratamento nos presídios ainda é mais rígido para as mulheres que para os homens. Segundo o autor, os homens podem ficar soltos o dia todo enquanto as mulheres ficam mais tempo presas e sem direito de conversar com a companheira de cela ou trocar objetos.

2.1 – A mulher na Penitenciária Feminina de Campinas

Na penitenciária feminina de Campinas há mulheres de vários níveis sociais, desde as mais humildes até aquelas que vêm de famílias com nível social e cultural elevados. Algumas mulheres encarceradas eram estudantes de escolas particulares, outras formadas em universidades, algumas nunca estudaram e a maioria delas já passou pela escola pública de ensino. Muitas delas estavam com a vida profissional definida como, por exemplo, nas profissões de advogada, administradora de empresas, bibliotecária, diretora de escola, entre outras, porém, essa situação de estabilidade financeira não as impediu de rumarem para a criminalidade. Seus caminhos vieram de várias direções e por algum motivo, as levaram para um mesmo lugar: o crime, a detenção, o julgamento, a penitenciária, o enquadramento, a vigilância, a punição e a

docilidade dos corpos. São essas mulheres que ocupam os espaços nas escolas da penitenciária feminina de Campinas caminhando para a sua ressocialização.

Vivenciaram nas suas vidas situações e sentimentos de desamparo em relação à família. Envolveram-se em relações afetivas com homens que, por múltiplas razões, enveredaram pelo crime e contravenção. Algumas justificam que não praticaram os delitos pelos quais estão sendo acusadas, o que sugere que estão na prisão para acobertar seus parceiros. (MAGALHÃES, 2001, p. 104)

No presídio feminino de Campinas estão privadas de liberdade centenas de mulheres. A penitenciária feminina de Campinas, antigo presídio masculino de São Bernardo. Para este presídio feminino vêm as mulheres que foram sentenciadas a cumprir suas penas, porque cometeram algum tipo de delito e se encontram juridicamente falando, em débito para com a sociedade. Segundo dados disponíveis pelo Sistema Integrado de Informação Penitenciária (INFOPEN) do Ministério da Justiça, através do Departamento Penitenciário Nacional, o total geral de presos no país é de 469.807. No estado de São Paulo encontram-se 73.563 homens e 5.236 mulheres no regime fechado. No regime semi-aberto estão 18.021 detentos e 1.279 detentas. Em medida de Segurança se encontram 1.037 reeducandos e 432 reeducandas, enquanto que no sistema Provisório estão 48.610 detentos e 6023 detentas. Para o regime aberto não encontramos os dados, que segundo o InfoPen, o Estado não informou, ou trata-se de prisão domiciliar em que os dados não foram repassados ao Sistema. O Sistema comporta um total de 148.943 reeducandos. (INFOPEN, 2009).

2.1.1- Aspectos físicos da Penitenciária Feminina de Campinas

A Penitenciária São Bernardo Campinas/Penitenciária Feminina Campinas situada na rua João Batista Morato do Canto, nº 100, bairro São Bernardo, atualmente abriga uma população de 989 mulheres, mas sua capacidade é de 528 detentas. A unidade possui quarenta celas coletivas, acomodando cada uma em média de dezoito a vinte e cinco detentas. Cada cela possui doze camas de alvenaria que são alternadas para acomodar as presas, que também se utilizam três colchões (conhecido como praia na cadeia), os quais são abertos chegando até a porta do banheiro da cela.(Secretaria do Estado de São Paulo – Secretaria da Administração Penitenciária)

A violência entre elas também é freqüente. As mulheres detidas no presídio que estagiei, comentam sobre alguns espancamentos entre elas, principalmente sobre aquelas que chegam transferidas de outras penitenciárias de fora. Essa “recepção” não serve para todas. Algumas que chegam são poupadas, mas existem entre elas as que sofrerão agressões físicas ou morais. Esse tipo de conduta entre as detentas impõe sobre as novatas de presídio quem é que na realidade “manda” ali. Desde o início da convivência trava-se uma questão de poder e de submissão entre elas.

Algumas mulheres têm algum tipo de religiosidade. No presídio há um grupo religioso que se reúne em alguns horários competindo com o período das aulas. Nesse dia de encontro religioso entre elas, a escola não funciona.

Muitas vezes a escola representa para essas mulheres a possibilidade de fuga do lugar comum das celas, ou “barracos”, ou “casas”. Elas dizem que na “casa” há muita muvuca, falação e encrenca. Estas mulheres vêm para a escola porque, ali podem passar alguns momentos com outras idéias na cabeça. E também podem falar de liberdade, estar em contato com a cultura e prosseguir seus estudos que um dia foram interrompidos.

A cela, com insuficiente iluminação para as que nela são recolhidas, constitui morada forçada “de dentro”, monotonia congelada, onde o cotidiano é recheado com a moral disciplinar. O tempo dentro da cela é vivido agarrado ao futuro - o sair, a liberdade. A vida cotidiana da presidiária transborda de dissidências. Todas sofrem diante da perda do mundo “lá fora” e do aconchego doméstico.(MAGALHÃES, 2001. p.104)

Na escola do presídio as mulheres recuperam seus estudos, conseguem ocupar a mente com a aquisição de conhecimento e demonstrar sentimentos de afeto entre elas, as monitoras e a professora da FUNAP. As recordações das mulheres do presídio feminino de Campinas recuperam a memória delas em relação aos fatos ocorridos na sua infância dentro da escola regular, dos acontecimentos que as retiraram de dentro da escola, bem como das personagens responsáveis pelo seu afastamento da unidade escolar. Algumas mulheres demonstram prazer em permanecer na escola do presídio, incluindo as monitoras de ensino que revelam simpatia pela escola.

Na prática do meu trabalho diário faço minhas observações dos comportamentos femininos sobre as mulheres que percorrem as ruas centrais de Campinas. Noto pelas conversas

diretas e paralelas entre algumas delas, a constatação de que algumas se defrontam com situações de amedrontamento pela dominação, hierarquização e desigualdade. Elas muitas vezes passam por esse tipo específico de stress. Suas respostas podem ser interpretadas como sua defesa. É fato que num determinado momento elas poderão fugir da situação presente e tomar uma atitude contrária dessa forma cruel e insuportável de dominação. Há alguns relatos de mulheres que estão convivendo muito próximas da opressão, do assédio e da dominação machista. Por vezes, nesse momento de ruptura da sua passividade e docilidade particular, nessa reação de inconformismo as mulheres se apoderam de uma nova roupagem. Algumas mulheres podem caminhar contra essas regras de conduta tão passiva que lhes cabe, pode-se voltar contra as muitas formas de violência, bem como contra algumas atitudes preconceituosas. Por algumas vezes minhas observações do cotidiano feminino fazem que eu as compare me utilizando e me apropriando de algumas atitudes também machistas.

Segundo, Magalhães, é levantada a questão sobre a violência que a mulher vem sofrendo no seu cotidiano e que concorre para que ela se torne violenta também.(MAGALHÃES, 2001. p.97.)

Ainda, refiro-me às minhas observações diárias sobre algumas das mulheres casadas e solteiras trabalhadoras que circulam pela área central de Campinas, notando que apesar dos contatos sociais e as relações de trabalho das mulheres estarem mudando aos poucos, a “liberdade” feminina conquistada começa a ocupar espaços sociais antes pertencentes somente aos homens. Somo a estas observações que muitas vezes as mulheres são rejeitadas dentro das relações de trabalho preconceituosamente por outras pessoas que ainda conservam um pensamento de cunho machista. Algumas destas mulheres sofrem alguns tipos de segregação por estarem trabalhando pelas ruas, que é um local considerado de liberdade e sem ser autorizada pelo seu marido para trabalhar ali. Muitas destas mulheres as quais me refiro trabalham muitas vezes para sustentar sua família, e mesmo assim sofrendo pressão psicológica e incompreensão por parte de seu parceiro.

Capítulo III: A realidade de escolas em presídios: uma diferença de gênero

O programa da FUNAP (Fundação de Amparo ao Preso Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel) atinge, segundo dados oficiais, mais de 13 mil detentos no estado, bem como a tentativa de desenvolver os potenciais dos detentos (as) e dos egressos (as) do estado de São Paulo, e, ainda, fazer com que eles consigam retornar ao convívio social. No Projeto Tecendo a Liberdade pretende-se levar aos jovens e adultos, que não tiveram acesso aos estudos, sua continuidade no ensino fundamental e médio, assim como a oportunidade de melhorar seus conhecimentos e elevar a sua auto-estima.

Nesse pequeno histórico da situação de ensino da FUNAP no estado de São Paulo, pode-se ver o resultado do mesmo em números. Atualmente 13.612 detentos das 144 unidades prisionais de todo o estado de São Paulo estão estudando. No estado de São Paulo existem 128.400 encarcerados distribuídos em oito regionais, que são: Araçatuba, Bauru, Campinas, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, São Paulo-Litoral, São Paulo-Vale do Paraíba e Sorocaba. “Elas comportam 671 salas de estudo para os alunos encarcerados, mostrando-lhes que há uma luz no fim do túnel e com ela, uma oportunidade ao seu alcance”, segundo palavras de Maria da Conceição Capello, pedagoga responsável pelo projeto na Regional São Paulo e Vale do Paraíba.(CAPELLO, 2007).

Na região do oeste paulista, das 35 unidades prisionais, 21 delas aderiram ao projeto da FUNAP e contam com 3.554 presos estudando. A meta é de que, até julho, 5.300 estejam inseridos no programa de educação da FUNAP.

Em todo o estado, há 271 turmas somente no curso de alfabetização. O censo penitenciário realizado pela FUNAP, em 2.002, revelou que 70% desta população tem baixa escolaridade, sendo 4% analfabetos e 74% sem ensino fundamental completo e profissionalização insuficiente.

O ensino nas escolas dos presídios usa a pedagogia do Projeto Tecendo a Liberdade.

3.1 – Projeto Tecendo a Liberdade

O Projeto Tecendo a Liberdade, desenvolvido pela FUNAP, se constitui em: Ensinar e Aprender⁶.(PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007). É com ele que os reeducandos têm acesso aos conteúdos educacionais, semelhantes aos de qualquer escola regular da rede pública. Os próprios alunos detentos aprendem e atuam como educadores com a supervisão de um coordenador da FUNAP. O projeto funciona em todas as unidades prisionais da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP). Diante desta condição, os conteúdos foram uniformizados por módulos desde a alfabetização até o ensino médio. Esse modelo de ensino é para que o preso possa continuar os estudos, nos casos de transferências para outras unidades prisionais. Os reeducandos são avaliados por meio de provas prestadas pelo Centro de Exames Supletivos (CESU). O CESU é um órgão da Secretaria Estadual de educação do estado de São Paulo. A partir de 2008 a Secretaria de Estado da Educação aderiu ao Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos – ENCEJA e a sistemática para realização dos exames, bem como a relação dos municípios de aplicação das provas, em todo o Estado, ocorrendo na forma estabelecida pela Portaria INEP nº100, de 04 de julho de 2008 e pelo edital realização dos exames (Portaria DRHU/CESU⁶).

No seu início, o Projeto de estudo pedagógico da FUNAP, Tecendo a Liberdade tinha somente turmas de alfabetização e de ensino fundamental. Com o tempo, descobrimos que muitos alunos queriam dar continuidade aos estudos. Por isso, abrimos turmas para o ensino médio. Hoje, temos 2.202 detentos cursando esse ciclo”. (Lúcia Casalli, diretora-executiva da FUNAP - PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,2007).

O sucesso do programa se deve a maleabilidade do projeto pedagógico. Ele está dividido em 24 módulos, independentes e complementares, totalizando 820 horas de aula, as quais contempla três áreas: Linguagens, como Português, Inglês e Artes; Ciências Humanas com

⁶ 22.08.08 09h24 – Comunicado CESU/2008

A Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo aderiu ao Encceja/ 2008. Neste ano, a Secretaria de Estado da Educação aderiu ao Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos - Encceja e, a sistemática para a realização dos exames, bem como a relação dos Municípios de aplicação das provas, em todo o Estado, ocorrerá na forma estabelecida pela **Portaria INEP nº 100, de 4 de julho de 2008** e pelo Edital de realização dos exames (Portaria DRHU/ CESU).

as matérias de História e Geografia; Ciências Físicas e Biológicas; e Matemática. Dessa maneira ao ser transferido para uma outra unidade prisional, o aluno detento não perde a continuidade dos seus estudos.

Cada módulo tem em média a duração de 20 dias. Os alunos têm duas horas-aula por dia. A estrutura curricular está organizada da seguinte maneira: cinco módulos de História, quatro de Geografia, cinco de Ciências e Saúde, cinco de Matemática, cinco de Língua Portuguesa, totalizando vinte e quatro módulos.

Nas salas os alunos são divididos em “séries”: ALFA I e ALFA II. O ALFA I é o curso freqüentado por alunos da alfabetização. O ALFA II é mais avançado. Nele os alunos encontram-se alfabetizados, comparando-se com as antigas terceiras e quartas séries primárias. Nos presídios masculinos durante o período das aulas, existem várias salas funcionando concomitantemente. Na escola da penitenciária feminina funciona uma série de cada vez, porque possui uma única sala de aula.

O projeto pedagógico é baseado na linha do pensamento desenvolvida por Paulo Freire (1997) e pela do psiquiatra norte americano David Ausubel (ano) com a sua teoria da assimilação cognitiva (1950-1960), na qual o ponto de partida é a valorização dos conhecimentos dos educandos, ou seja, a idéia é aproveitar toda a experiência que o aluno encarcerado adquiriu dentro e fora do presídio. Tem duração de dois anos e meio e articula o currículo em torno de um tema gerador, como, por exemplo, o tema “Água Viva”. Nesse tema a água é pensada como um todo. Em cada módulo de ensino as alunas têm quinze dias para trabalhar sobre esse assunto, o qual faz parte do dia-a-dia delas, segundo a professora titular da FUNAP do presídio feminino.

Paulo Freire (1983) afirma que a educação envolve-se no processo de mudança social do homem, também nos alerta, para que, não se é possível, fazer uma reflexão sobre o que é a educação, sem refletir sobre o próprio homem. A educação é tida como uma resposta da finitude da infinitude do homem. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado, levando-o a perfeição. A educação, portanto, implica numa busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém (FREIRE, 1983).

Além do material fornecido pela FUNAP, para que o ensino se torne mais dinâmico, os orientadores e alunos contam com outros materiais de apoio como pelos livros paradidáticos, jornais e revistas.

Com as aulas mais interessantes, houve aumento substancial na escolaridade e na cultura geral da população carcerária. Pesquisa realizada pelo Instituto Paulo Montenegro e o IBOPE Opinião, baseada no indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), mostram que os presos gostam de ler mais para passar o tempo e se distraírem, do que a população brasileira em geral. Eles gostam de ler de tudo, pediram até para doarmos exemplares do conhecido A Arte da Guerra, de Sun Tzu, mas essa sugestão não pode ser acatada”. (Lúcia Casalli. PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007).

Quanto à frequência à escola, nos presídios alguns alunos são escolhidos para freqüentar as aulas, outros não. Muitos querem entrar para a escola, porém, não há vagas para todos. Esse tipo de segregação também acontece no trabalho, tanto no que ocorre dentro do presídio, como naquele que se dá fora do presídio. Os presidiários são escolhidos pelo bom comportamento que apresentam, para adquirir confiança dos seus responsáveis e superiores, e conseguirem trabalhar com ferramentas. Trata-se de um controle sobre as ações dos indivíduos, de sua diferenciação entre os demais, de correção quanto às atitudes, de castigo e de eliminação por todo o tempo. Nesse caso de escolhas particulares, são utilizados somente indivíduos de acordo com seu nível de adequação às regras pelo tempo que se encontram encarcerados. Eles adquirem uma profissão através do trabalho.

Na escola do presídio há a possibilidade de as detentas atuarem como monitoras da escola. Soube, a partir de minha pesquisa de campo, que as que são escolhidas para serem monitoras de ensino têm alguma graduação escolar. Algumas cursaram o nível superior completo, outras, não concluíram esse nível de ensino e a maioria somente tem o nível médio. Elas ficam sabendo sobre o teste para monitora de ensino da escola do presídio, através de cartazes colocados pelos corredores da cadeia. A partir dessa informação elas se inscrevem para o teste, fazendo-o, e, se escolhidas, trabalham como monitoras de ensino dentro da escola do presídio administrada pela FUNAP. Elas recebem um valor em dinheiro para serem monitoras de ensino da escola, o qual é depositado em sua “conta”. “Conta” é uma expressão utilizada dentro da cadeia para um sistema de depósito de dinheiro junto da administração, para cada detenta, o qual impede que as detentas tenham contato com o papel moeda. A moeda em circulação no

presídio são maços de cigarros, estes detalhes nos são narrados com muita clareza desde o primeiro contato com as mulheres da escola do presídio feminino de Campinas. Por exemplo, se uma detenta deseja fazer uma estética de cabelos com uma detenta profissional da área, ela terá que fazer o pagamento de quatro maços de cigarro para a cabeleireira.

Nos presídios masculinos esse tipo de gerenciamento de dinheiro também acontece e nas escolas da FUNAP, também têm monitores de ensino. Esse modelo da guarda dos valores vale também para qualquer tipo de remuneração em moeda. Todos aqueles que têm algum tipo de trabalho remunerado dentro ou fora dos presídios, recebem seus honorários dessa mesma forma.

3.2- Os espaços físicos das escolas dos presídios masculinos e feminino e as diferenças entre eles

As escolas da FUNAP de dentro dos presídios se aproximam da estrutura física das escolas que estamos acostumados a reconhecer. As escolas dos presídios masculinos do Complexo Penitenciário Campinas-Hortolândia, por exemplo, não ficam situadas próximas às entradas dos presídios. Nelas há condições de se estudar num ambiente de silêncio, bem melhor quando comparado à escola da Penitenciária Feminina de Campinas. Nestas escolas os monitores têm sala própria para realizar reuniões e pensar sobre as aulas a serem ministradas. Os banheiros das escolas são múltiplos, grandes e melhor arejados do que aquele da penitenciária feminina. As salas de aula contêm cada uma, um quadro negro grande e elas comportam de duas a três vezes mais alunos, se compararmos com a sala de aula do presídio feminino. Os alunos sentam-se mais à vontade e não carecem de se acotovelarem uns aos outros, como ocorre na escola da Penitenciária Feminina de Campinas.

A diferença entre os dois ambientes escolares, feminino e masculino é evidente. As salas de aula dos presídios masculinos foram planejadas para a escola. Nelas as janelas são amplas, possuindo vidros transparentes que permitem a entrada de luz solar e também permitem a circulação de ar. Os alunos e monitores da escola dos presídios masculinos ingerem diariamente cafezinho, ao contrário, das alunas do presídio feminino. Alguns alunos trabalham no computador para auxiliar a escola nos trabalhos burocráticos, utilizando-se dos programas para computador como o Word e o Excel, porém, a escola não possui Internet.

O espaço da escola da penitenciária feminina necessita ser revisto devido suas condições de precariedade para o estudo. O ambiente físico precisa ser remodelado e pensado para receber uma escola e propiciar concentração para todas as alunas e monitoras.

Nas salas de aulas dos presídios masculinos pode-se notar que alguns dos alunos e monitores vêm para a sala sob efeito de entorpecentes. Essa prática de usar drogas os ajuda a sair da pressão da realidade por alguns momentos. Na cadeia feminina tal hábito também pode ser notado.

As bibliotecas dos presídios masculinos são maiores que a do presídio feminino. Nelas há mais espaço físico, mesa grande para leitura, ficam em salas distintas e recebem um número de exemplares de livros para pesquisa e leitura, mais numeroso do que a do presídio feminino. Nos dois casos existem bibliotecários dedicados. Quando o prazo de entrega dos livros emprestados expira, os bibliotecários responsáveis vão atrás dos mesmos, a fim de resgatá-los para a escola. No caso da biblioteca do presídio do sistema semi-aberto masculino, a escola fica aberta todos os dias da semana e os detentos podem retirar livros quando desejarem, bem como, para aqueles que estão chegando na “casa”, receberem informações sobre os prazos de matrículas para o ensino fundamental ou ensino médio.

Observei que de um modo geral, as monitoras detentas da FUNAP são comunicativas e têm curiosidade pelas coisas da vida fora do presídio. Os monitores detentos, ao contrário, não se interessam por assuntos extrapresídio. Eles assistem diariamente televisão em seus “barracos”, que nós chamamos de celas. Os detentos têm TV nas suas celas e todos devem desligá-las às vinte e duas horas, pois começa o horário de silêncio na instituição. Esse fato não me foi descrito pelas presidiárias da escola do presídio feminino durante os momentos de visita a campo, o que me causa estranheza, e penso que a realidade ali talvez seja outra.

As alunas e os alunos das escolas dos presídios são transferidos (as) com frequência para outros presídios, CRs (Centros de Recuperação) entre as cidades da região e também para outras mais distantes. Possivelmente essa é uma estratégia para evitar a formação de grupos e as possíveis rebeliões.

A FUNAP contrata estagiárias universitárias para trabalharem como orientadoras dos monitores(as) das escolas dos presídios. Na Penitenciária Feminina de Campinas o número de monitoras detentas com Ensino Superior completo é maior do que o número de monitores com Ensino Superior completo das penitenciárias masculinas. Alguns monitores dos presídios

masculinos estavam cursando o Ensino Superior quando “caíram”⁷, porém, na sua maioria possuem o Ensino Médio completo. De certo modo, parece que a realidade nos presídios reforça o que outros trabalhos têm apresentado, ou seja, o Brasil vive um quadro de maior escolarização entre as mulheres.

Segundo dados divulgados pela Fundação Carlos Chagas, em 2002 havia no país, dentre a população com nove anos de escolarização, 28% de homens e 31% de mulheres. Essa pesquisa também revela que ocorre uma prevalência de matrículas de mulheres em relação aos homens principalmente no Ensino Médio e no Ensino Superior. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 2007)

Segundo Almeida (1982)⁸, a mulher a fim de garantir um lugar e ocupar um espaço, tende a estudar por mais anos do que os homens, bem como também para qualificar sua mão de obra. Porém, não somente por esses motivos é que elas estudam mais que eles. Além de mudanças das estruturas familiares atuais, que cada vez mais contam com as chefias femininas, ou, também com a participação do homem e da mulher como as origens de sustento e renda provenientes de seus trabalhos. Outra hipótese interessante de análise é que o homem entra no mercado de trabalho, muito mais cedo do que a mulher, o que o dificulta de se manter ao lado dos estudos.

Na escola da Penitenciária Feminina de Campinas também observei algumas conversas entre as alunas mostrando que mães cumprem pena, ao mesmo tempo em que seus filhos também cumprem as deles. Uma aluna da escola estudada era mãe de um filho também encarcerado. Essa mãe e filho “caíram” juntos. Numa conversa ela disse que desejava muito, que seu filho saísse logo da prisão.

Uma detenta que colaborava na escola da penitenciária feminina, conta em detalhes como foi sua prisão. Ela fala que o drama de sua vida começou porque seu marido fora expulso de uma instituição militar. Ele cometeu um delito gravíssimo contra um superior hierárquico usando-se de táticas específicas de defesa militar, e a partir desse fato, havia perseguição sobre sua família e sobre ela também. O marido dela cumpriu sua pena percorrendo vários presídios militares. Ela

⁷ “cair” é a expressão usada dentro das penitenciárias que indica a condição de entrar para a prisão após o delito.

⁸ ALMEIDA, D.G. Pesquisa pelo CNPq -www.prp.unicamp.br/pibic/congrsso/paineis/

nunca recebeu sua visita Não conhece seu neto e também não recebia correspondências dele. Trata-se de um caso especial. O marido deveria manter uma distância considerável de qualquer outro militar. Caso o marido dela fosse pego próximo do presídio voltaria para o cárcere novamente. A detenta se diz inocente do crime que fora acusada quando “caiu”.

É no pequeno espaço da escola do presídio que poderemos saber de onde vêm estas mulheres, suas idades, os motivos que as separaram da escola e as trouxeram até a penitenciária feminina. Pode-se observar que em muitos casos elas vão para a escola da penitenciária para fugir do murmurinho das suas celas. Segundo alguns de seus relatos elas mostraram-me que encontram na sala de aula um local mais prazeroso de se estar, algumas delas, inclusive, simulam nível de escolarização menor para poderem freqüentar as aulas da escola e ficarem em contato mais tempo com as professoras e colegas em sala de aula. A partir das minhas observações, junto das mulheres da escola do Presídio Feminino de Campinas, e comparando com outras no trato das mulheres trabalhadoras com as quais convivo diariamente em meu trabalho nas ruas centrais da cidade de Campinas, concluo que na escola da penitenciária não temos tratamentos que podemos denominar de machistas como aqueles daqui de fora. Na escola do presídio as alunas estão sob as regras da cadeia. Elas se comportam como devem ser as ações dentro de um presídio, pois ali estão sendo vigiadas em seus mais singelos atos, onde a linguagem corporal delas responde ao esperado. Na escola do presídio as mulheres encontram-se num ambiente de acolhimento receptível a sua situação feminina.

3.3- A liberdade

Uma das mulheres encarceradas dizia sobre a importância da vida com liberdade e que após seu encarceramento é que aprendeu a valorizar a liberdade. Todas as manhãs as mulheres do presídio têm um ritual de olhar para o céu e observá-lo. Em que tom de azul se encontra naquele momento. Ouvem os passarinhos cantando lá fora e tentam desenhar o caminho para onde a brisa sopra levemente. Silenciam ao ouvir a campainha do portão. Ficam eufóricas esperando a chegada de uma carta do juiz trazendo-lhes a liberdade.

No presídio feminino as alunas da escola são muito quietas e fazem suas tarefas em silêncio. Pode-se notar sua indiferença diante dos questionamentos das monitoras. Pode ser que

elas estivessem retraídas por causa da minha presença na sala. A maioria era composta de jovens detentas, algumas delas com meia-idade e a minoria tinha cabelos brancos.

Faz-se necessária uma qualificada revisão da situação de ensino nas escolas das penitenciárias. Estas observações podem servir ao estranhamento de como acontece a educação nestas escolas dos presídios das penitenciárias. Lembro que o público penitenciário é infinitamente menor quando comparado com o infinito número de estudantes da escola normal de ensino regular.

Entendo que cabe aqui um questionamento: a escola é um esconderijo para onde as mulheres vão, ou, a escola cumpre com sua força principal de educar para um futuro melhor? Ou será, ainda, que a escola nos presídios tem como principal objetivo a disciplinarização dos corpos que devem seguir as leis internas daquela instituição?

Capítulo IV: A Escola do Presídio Feminino de Campinas

A Instituição Prisional de Campinas que recebe as mulheres, também lhes dá assistência educacional através da escola instalada dentro do presídio. Esta escola é gerenciada pela FUNAP, criada pela Lei 1.238 de 22 de dezembro de 1976. Aqui, estaremos discutindo sobre a situação das detentas que estão estudando na escola do Presídio Feminino de Campinas, através FUNAP.

Na entrada do presídio feminino há uma portaria de identificação. Da portaria do presídio até a escola precisamos transpor algumas trancas de segurança.

A recepção nos presídios acontece dessa forma: com desconfianças. Os funcionários nos olham desconfiados de alguma coisa indescritível e imaginária, e pelas quais poderemos expor as instituições aqui fora. Essa mesma observação foi feita por Drauzio Varella (2002) em seu livro.

No início, fiquei com a impressão de que os funcionários não confiavam em mim. Depois, tive certeza. Eram arredios, mais tarde me contaram, por acharem que eu estaria ligado às associações de defesa dos direitos humanos ou teria interesses políticos. (VARELLA, 2002.p.105).

Assim que cheguei na penitenciária feminina, desde a primeira portaria, até a entrada pela primeira tranca foram duas horas. Lembrando, que o meu NOTES⁹ fora enviado ao presídio muitos dias antes à minha visita. Passei por alguns questionamentos sobre o meu trajeto desde a Unicamp até ali, mais identidade, chaves de carro, sem celular, da porta detectora de metais, passar pelos Raios-X, revista pessoal, revistas nos cadernos e lápis... Depois, de terminadas as cautelas sobre mim, entrei para a terceira tranca. Na seqüência tive que ouvir uma série de recomendações, feitas pela responsável pela minha entrada naquele espaço referindo-se sobre uma conduta própria na escola do presídio feminino, como:

“- Daqui de dentro da cadeia não sai nada escrito pelas detentas sem que eu leia antes!
- Estamos entendidas?”

Respondi-lhe de pronto que sim.

⁹ O NOTES é a permissão oficial que temos de receber para adentrar no presídio. Quem permite-nos o NOTES é o diretor de educação do presídio.

A realidade é desconcertante numa prisão, o que parece certo muitas vezes está errado, e aparentes absurdos encontram lógica em função das circunstâncias. O visitante, ingênuo, tira conclusões precipitadas e pode fazer comentários indiscretos que eventualmente cheguem aos ouvidos da Corregedoria, encarregada de investigar abusos de autoridade, ou à redação dos jornais. (VARELLA, 2002. p.106).

Para mostrar como são os espaços de ensino das penitenciárias - as escolas - traço um paralelo entre as escolas do presídio feminino que tive a oportunidade de conhecer, com as escolas dos presídios masculinos que também visitei. As visitas até os presídios de Campinas foram norteadas de ansiedade e apreensão, pois eu entrava num mundo fechado, recheado de códigos interpessoais, somente comum entre a população carcerária, e nem por isso menos interessante do ponto das minhas observações. Sentia-me estimulada para dialogar com todos os reeducandos tanto nas penitenciárias masculinas quanto na feminina. Eu era apoiada em alguns casos por agentes penitenciários os quais tentavam me passar tranquilidade e segurança por estar naquele ambiente fechado onde poucas pessoas se aventuram a permanecer por qualquer tempo. Nas penitenciárias de Campinas também busquei respostas para os porquês de encontrar pessoas que não se enquadram como aquele cidadão seguidor de leis e de regras sociais, as quais temos de cumprir.

4.1- Arquitetura da escola da Penitenciária Feminina de Campinas

A escola do presídio feminino compõe-se de duas salas pequenas, e um único, e, também pequeno banheiro. Esse pequeno conjunto arquitetônico formado por três cômodos é a escola do presídio feminino. As janelas pequenas da escola ficam no alto da parede próximas ao teto. Na época do calor o ar quente não circula e no frio a temperatura cai bastante dentro da escola. Uma das salas é a sala de aula, na qual ficam as carteiras para as alunas se acomodarem. Elas ficam muito próximas, umas das outras. Nessa sala também tem uma mesa para a professora e uma lousa de madeira. Na outra sala do mesmo tamanho que a primeira, tem vários ambientes misturados. Ela serve ao mesmo tempo como biblioteca, sala das monitoras, da professora oficial da FUNAP-“Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel”, para refeitório das monitoras e da professora, reuniões de planejamento de ensino e também receber visitas para pesquisas, como no meu caso.

O banheiro é pequeno e o único para atender a mais de setenta mulheres diariamente, menos sábado e domingo, quando não há aulas. Ele possui um lavatório pequeno e uma única bacia. As instalações são ultrapassadas e note-se que as louças brancas amareladas pelo tempo correspondem a um mobiliário bem antigo. Na escola não tem água filtrada, as meninas utilizam água do banheiro para beber e fazer suco para seu consumo ou para o caso de alguma visita aparecer.

Na Penitenciária Feminina de Campinas, a detenta responsável pela conservação, catálogo e distribuição dos livros da biblioteca, era formada em biblioteconomia. Ela relatou-me que quando “caiu” estava cursando uma segunda faculdade na Área de Humanas.

As alunas recebem lápis, caderno e borracha. Elas podem retirar livros para levar até as celas, e, depois, devolvê-los para a bibliotecária no prazo de entrega que lhes foi dado. Quem cuida da biblioteca é uma monitora responsável pela conservação dos livros, empréstimos e devoluções. O acervo dessa biblioteca é constituído por doações de outras instituições sociais. Algumas doações são recebidas de pessoas físicas e outras de empresas particulares, tanto de Campinas quanto das cidades vizinhas. Na biblioteca podem-se encontrar romances, livros de ficção, revistas em quadrinhos, livros didáticos, enciclopédias, alguns com temas religiosos, lembrando que os autores são muito diversificados tanto brasileiros como da literatura estrangeira.

Habitualmente, as alunas se sobressaltam ao toque da campainha, que se ouve no interior da escola, no momento em que alguém chega no presídio. Pode-se notar que todas as alunas da escola do presídio paralisam suas atitudes, a cada toque da campainha. As aulas são interrompidas sempre que a campainha toca, pois como já disse a escola do presídio fica próxima à entrada da prisão.

As alunas que freqüentam a escola no presídio feminino são, na sua maioria, introspectivas. Geralmente não são espontâneas nas conversas. A maioria dos alunos dos presídios se expressa mais do que elas, porém, também existem aqueles que se calam. Entre os encarcerados existem códigos específicos de conduta dentro e fora da instituição. Entre eles são definidas posturas sutis diante da presença das suas visitas nos dias próprios para elas. Quando os reeducandos estão em descanso não se tocam, é regra entre eles. Na escola dos presídios ninguém pode olhar de forma expressiva para a professora, pois na escola, a professora está sendo cuidada por todos, sendo assim, naquele espaço os alunos preferem permanecer calados, a falar algo que

pode ter uma dupla interpretação pelos outros ouvintes. Para essas posturas dos encarcerados, tanto dos homens quanto das mulheres, no seu dia a dia, referindo-se no trato entre os sujeitos com gestos sutis para determinadas situações, ou outros modos de expressões codificados específicos da cadeia para outras, colocam essas pessoas numa resposta para a postura de um corpo dócil gerado dentro da prisão.

Minha relação pessoal junto aos alunos mudava a cada novo dia de estágio. Conforme eu caminhava no estágio houve alterações profundamente subjetivas em mim. Confesso, consciente e muito emocionada, que essa foi a decisão mais brilhante que tomei na minha vida.

A professora exerce um poder hierárquico sobre todas as alunas da escola. Nenhum agente penitenciário civil fica presente na sala de aula vigiando o local. Inicialmente sentia medo dessa situação. Sentia como que a sensação relatada por Drauzio Varella (2002), ou seja, como se a qualquer momento, as presidiárias nos atacariam. Aqui há um sentimento de coragem, respeito e impotência, diante das presidiárias. Ele persiste o tempo todo. Começa a passar quando saímos do presídio.

A questão de consideração é bem clara, tanto nos presídios masculinos quanto na penitenciária feminina, onde a professora é muito considerada. Todos os alunos(as) nos olham com muito carinho. Quando a professora fala todos emudecem. O silêncio é sepulcral. Nos dirigem a palavra se ela lhes for pedida, caso contrário não se manifestam. Eles pensam sobre o que vão falar, para não usar nenhum termo incorreto, o qual poderá ter sentido de ofensa para a professora. Eles se vigiam entre si, para que nenhuma palavra seja usada incorretamente, podendo gerar punições por parte dos próprios alunos da escola num outro momento, longe da professora. Semelhante ao que foi relatado por Varella (2002) em outro presídio:

Já nas primeiras palestras fiquei surpreso com a consideração que os homens demonstravam por mim. Nas perguntas usavam termos e expressões como “sexo anal”, “penetração”, “prostituição”, “homossexuais” ou “mulheres de cadeia” – jamais uma palavra grosseira; palavrão nem pensar.(VARELLA, 2002.p.74).

Em uma penitenciária do complexo penitenciário masculino, o carcereiro que me acompanhava até a escola, percebeu meu nervosismo diante de um grupo de presidiários. Eu era a única mulher entre eles. Fui tranquilizada, pelas palavras do funcionário da instituição. Ele falou sobre o respeito que todos demonstrariam por mim e também sobre as represálias ao detento,

caso qualquer um deles faltasse com respeito para com a pessoa da professora. Fiquei mais confiante. Disse-me que naquele ambiente todos cuidavam de todos e, que, todos eles cuidavam da professora.

Nos presídios masculinos os convites para participar de suas refeições foram muitos, bem como para as festividades de final de ano. Vontade de participar não me faltou. O que faltou foi o tempo para tal. Parece que, à semelhança do vivenciado por Varella (2002), havia ali também uma aura de respeito a figura do professor na prisão.

Essa aura de respeito sincero em torno da figura do médico que lhes trazia uma pequena ajuda exaltou em mim o senso de responsabilidade em relação a eles. Com mais de vinte anos de clínica, foi no meio daqueles que a sociedade considera como escória que percebi com mais clareza o impacto da presença do médico no imaginário humano, um dos mistérios da minha profissão.(VARELLA, 2002.p.75).

Quando participamos por alguns dias no meio dos presidiários é que notamos o impacto da nossa presença em suas vidas. Os presos nos querem nas festividades dos presídios, bem como evocam nossa presença para reuniões de alunos nas escolas dos presídios, pois argumentam que seria importante que todos da escola conversassem conosco. Eles também reclamam nossa volta à cadeia em outras ocasiões. Os monitores e alunos fazem questão de falar da estagiária para outros detentos e todos querem nos conhecer. Co

Nas penitenciárias masculinas os homens gostam de falar, o tempo todo de estudo. Os monitores diziam que precisam se espelhar na professora que segundo eles: “é uma pessoa madura e que se esforça para superar o sistema tentando vencer na vida”.

Participar desse estudo referente à educação nas penitenciárias foi uma decisão de trabalhar com a escola, o conhecimento, o diálogo e o respeito para com todos que estão nessas escolas. O crime que aqueles alunos (as) cometeram não me interessava em nenhum momento. O que importa é a sua educação. Eles cumprem sua pena pagando pelos seus erros, e, um dia, retornam para a sociedade, sem sua dívida. Não podemos julgá-los novamente e nem a todo instante lembrar aquilo que cometeram. Assim como não me interessava àquilo que os (as) alunos (as) cometeram me vi diante deles como alguém que os podia escutar e lhes passar algumas idéias interessantes, bem como Varella também descreve em seu livro, referindo-se ao presídio do Carandiru.

Minha atitude como estagiária foi distanciar-me dos seus crimes. Na escola do presídio, eu sou a professora, e eles são os meus alunos.

Ao nos depararmos com os alunos e monitores encarcerados sentimos que há falta de contingente humano para trabalhar com eles nas escolas dos presídios. Essa falta de pessoal qualificado viria a colaborar na sua ressocialização. No meu caso observo as condições como acontece a educação nos presídios. Segundo Varella (2002) esse sentimento o perseguiu como profissional da área de saúde em outro presídio.

Esse relato do autor de estação Carandiru, Drauzio Varella, retrata minha posição diante de todos aqueles presidiários (as), pessoas carentes de uma ajuda pedagógica eficaz, como esta que podemos referendar aqui fora. Há um sentimento de impotência diante de tanta precariedade quanto ao aporte intelectual a todos da escola. Quando os alunos das escolas das penitenciárias questionam sobre assuntos mais densos da educação, reconheço que eles estão por si, neste caso.

– De sua parte, a administração do presídio tem uma visão darwiniana do processo, como deixa claro um antigo diretor, famoso por lutar boxe com os detentos mais fortes:

- Na competição, os presos mais hábeis dominam os fracos. É inevitável. Nós não impomos um chefe para eles – seria ótimo se pudessemos. (VARELLA, 200.p.100).

Na escola do presídio feminino de Campinas as alunas respeitam as suas monitoras professoras com o carinho e dedicação que elas merecem nesse momento de ensinamento. Elas são respeitadas dentro e fora da escola. As monitoras relatam situações de abordagens pelos corredores dos pavilhões das celas carregadas de respeito.

As presidiárias monitoras e os presidiários monitores são muito respeitados porque são os professores (as) das escolas dos presídios. O monitor, no projeto da FUNAP, tem o papel de articulador e representante entre o sistema educacional e o grupo em que está inserido. Ele fala a mesma “língua” dos seus pares e descobriu-se que onde existe detento monitor, encontra-se menos evasão escolar.

O monitor preso passa por um processo de formação e de treinamentos constantes, recebe um salário mínimo e há remissão de pena, ou seja, há cada três dias trabalhados, há a

redução de um dia. Esse modelo de trabalho dentro das escolas das penitenciárias traz vantagem para os dois lados: o sistema conta com um profissional interessado em ensinar, enquanto o monitor preso tem redução de sua pena.

A origem dos presos atuando como alfabetizadores remonta ao final dos anos 60, quando muitos intelectuais e estudantes universitários, condenados por causa de crimes políticos, cumpriam a sentença em meio à população condenada por crimes comuns. Este segmento organizou cursos, estudos, atividades culturais e assim começou um processo informal de alfabetização, uma vez que a grande maioria de prisioneiros era analfabeta ou semi-analfabeta. (PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007).

A seleção para serem monitores (as) das escolas dos presídios é feita pela FUNAP, entre aqueles (as) presidiários (as) que têm mais estudo e desejam trabalhar como tal.

Na Penitenciária Feminina de Campinas encontrei monitoras formadas no Ensino Superior, como por exemplo, em: Direito, Administração de Empresas, Educação Física, Biblioteconomia, etc. Nos presídios masculinos nenhuns dos monitores apresentavam o Ensino Superior completo. Alguns deles cursaram até o segundo e o quarto ano de Direito.

4.2-Desabafo na sala de aula

Na sala de aula da escola da Penitenciária Feminina de Campinas, num momento repentino, houve uma histeria geral, entre as alunas. Eu me surpreendi e calei diante do que ouvia. De repente, uma das alunas começa a falar e reclamar para todas as outras, da demora pela resolução jurídica do seu caso em particular. Todas as outras alunas e monitoras silenciaram. Em seguida a aluna se pos a chorar, pois estava desesperada para voltar para sua casa e viver livre novamente. Em poucos segundos aconteceu uma reação em cadeia. Poucas alunas não choraram. As monitoras da escola também deixaram escapar algumas lágrimas. Observei diante do desabafo delas que para os encarcerados que vivem naquelas condições de vida restrita e vigiada nos seus pormenores, os dias demoram muito a passar. A sensação, mostrada por todas, é a de que por mais que imaginemos suas noites, longe dos entes queridos: jamais conseguiremos descrevê-las, como essa situação é realmente apresentada.

4.3 - Remição de pena pelo estudo ainda não existe

O Juiz Carlos Fonseca Monnerat comenta sobre a importância da educação para o presidiário. Ele defende a remição de pena pelo estudo, com base nas horas de estudo do preso. O juiz sugere que o preso tenha um número comprovado de 12 horas em sala de aula, para ter direito a um dia remido da pena. Por exemplo, se ele estudasse 120 horas, teria direito a dez dias de remição. Atrelado a esse número, não bastaria que ele estivesse em sala de aula, seria preciso um atestado de bom aproveitamento escolar. Ele se apóia para suas afirmações nas Leis de Execuções Penais que objetiva a reinserção do apenado. Ele ainda afirma que a apresentação da pesquisa INAF (Índice de Alfabetismo Funcional) da População Carcerária Paulista é muito importante para sensibilizar a opinião pública no sentido da necessidade dessa mudança. Disse que faz parte da missão do Estado: ministrar mecanismos para que essa pessoa ao sair da prisão tenha uma profissão, um grau de instrução maior e, portanto, maior possibilidade de arrumar um emprego. Menciona que se pode imaginar sobre o universo que se abre a uma pessoa quando ela aprende a ler. Esse abrir de portas permite que ela vá procurar um emprego. Mencionou também que muita gente começou a fazer curso nas penitenciárias. A remição deve ser sentida como um estímulo para que o preso faça atividades que vão auxiliar no momento da saída do sistema. Coloca ainda, que se de cada dez presos libertados, um que não volte para a prisão, nós baixaríamos a reincidência em 10%. Esse seria um dado extraordinário se comparado ao número total de presos do Estado de São Paulo.(FUNAP, 2006).

4.4-Tentativa de fuga

No meu último encontro com alguns alunos da escola da penitenciária masculina do regime fechado, houve uma tentativa de fuga com um dos presidiários. A parede da escola recebeu vários tiros. Primeiro, parecia que atiravam pedrinhas nas paredes da escola pelo lado de fora, depois as pancadas eram mais fortes como se estivessem dando pancadas de machado nas paredes da escola. Ao constatar que eram munições da polícia, atirando de cima das muralhas do presídio: esforcei-me para retirar todos os alunos de dentro das salas de aula e refugia-los em outra parte, como, por exemplo, pelo corredor. Os vidros das janelas da escola não segurariam as balas como as paredes estavam fazendo. Alguém podia ser atingido pelos projéteis disparados. Recuamos para o corredor interno da escola.O carcereiro me encaminhou, rapidamente, para as

trancas de saída. Não deu tempo para dizer adeus aos monitores e aos alunos daquela escola do presídio masculino, naquele meu último dia com eles.

A gente pode ser tudo ignorante, ladrão, malandro, mas burro não. Ninguém gosta de morrer. Quando a PM. invade, todo mundo corre para o xadrez, que os homens vêm de coturno, cachorro e calçado nas armas. Não tem condição de encarar eles na galeria com faca e pedaço de pau.(VARELLA, 200.p.286).

Na portaria entre a primeira tranca e a segunda estava solucionada a confusão. Um presidiário chorava copiosamente, tentando dizer que não era dali e que vinha do outro presídio, do semi-aberto. O clima estava muito tenso. Todos os funcionários estavam muito nervosos e alterados.

Abriam a primeira tranca. Saí. Entrei no meu carro e fui embora.

Capítulo V - Memórias escolares na Penitenciária Feminina de Campinas

Na escola do presídio de Campinas encontram-se matriculadas onze mulheres no curso de Alfabetização, vinte no Ensino Fundamental I, vinte no curso do Ensino Fundamental II e vinte e cinco no Ensino Médio, num total de setenta e seis matrículas. A escola tem funcionamento das oito às dezoito horas e cada aula é de 2 horas diárias/course.

As alunas do presídio de Campinas respondendo a um questionário de trinta perguntas revelaram alguns aspectos interessantes de sua trajetória escolar. Elas apresentaram trajetória de alguns fracassos e abandono escolar mostrados na pesquisa. Possuem baixa escolarização e dentro da escola do presídio estão recuperando uma fase pedida em suas vidas. Esta escola do presídio as remete de volta aos bancos escolares.

O questionário foi respondido por cinquenta alunas matriculadas e por duas monitoras detentas. Destas mulheres sete pertencem ao curso de Alfabetização, trinta e uma do Ensino Fundamental I e II e dezesseis alunas são do Ensino Médio.

A escola do presídio de Campinas tem uma importância básica para algumas alunas que se sentem realizadas por aprender a ler e a escrever. Há também uma relação de intensa amizade e admiração pelas suas educadoras, bem como, nesta escola as mulheres constroem novos laços de amizade com outras mulheres encarceradas.

O levantamento realizado nos traz dados sobre a atividade constante da leitura, que cerca a grande maioria das detentas pesquisadas. Essa afirmação também tem apoio na pesquisa anterior da FUNAP na qual a leitura habitual concentra-se em 80% da população carcerária brasileira. (PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007).

5.1-A subjetividade das alunas do presídio

A escola do presídio é freqüentada por alunas de alguns estados brasileiros como do Ceará, Maranhão, Mato grosso, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio grande do Sul, da cidade de São Paulo, do interior do estado de São Paulo, inclusive de Campinas, cidade onde se localiza esta escola do presídio.

As mulheres que estão estudando na escola do presídio têm idade acima de vinte anos e duas delas ultrapassam aos sessenta anos. A grande maioria das detentas está na faixa etária entre

os vinte anos e os trinta e nove anos. Na sua maioria são solteiras. Uma delas não tem filhos e três não se manifestaram. As outras quarenta e oito mulheres que responderam ao questionário possuem no geral, um total de 164 filhos, com idades que variam de zero até acima de quarenta anos. Aquelas mulheres que possuem filhos menores de idade são auxiliadas por parentes próximos no cuidado com seus filhos, na sua maioria, enquanto elas cumprem sua pena. Sete mulheres afirmam que os pais de seus filhos é quem cuida das crianças, até que elas saiam do cárcere. Uma das mulheres tem seus filhos sob a guarda do Conselho Tutelar da Infância.

Gravidez precoce e trabalhar para seu sustento são duas das causas mais expressivas apontadas pelas mulheres pela sua evasão escolar.

5.1.1-Gravidez precoce: uma causa do abandono escolar

A adolescência é um período de muitas indagações, em que a pessoa inicia a sua caminhada no “mundo dos adultos”. Acontecem nesse período da vida deles algumas alterações psicológicas que são mudanças na mente da pessoa, ou seja, em sua maneira de pensar. Geralmente, essas alterações trazem mudanças na maneira de agir. A situação do adolescente na família geralmente muda. Até então, ele era apenas uma criança de quem se exigia pouca responsabilidade. A partir da adolescência, os pais costumam cobrar atitudes mais adultas, querem mais seriedade, mais aplicação nos estudos e mais responsabilidade. Na mente do jovem, geralmente surgem muitos conflitos. Ao mesmo tempo em que sente que pode contestar a autoridade dos pais, experimentando sentimentos de independência para muitas coisas, econômica e afetivamente ele ainda depende da família. Na fase da adolescência acontecem os primeiros namoros; aparecem desejos sexuais; as emoções são vividas com muita intensidade. E através da sexualidade do adolescente pode surgir a gravidez precoce como neste caso destas alunas da escola.(BARROS-PAULINO, 2007.p.62-63).

Na investigação da gravidez e adolescência como um problema moderno nos é trazido pelas suas autoras da pesquisa que a mulher adolescente diante da sua gravidez procuram o reconhecimento da paternidade por parte de seu companheiro, mesmo que as pesquisas demonstrem que o pai da criança não assumirá nenhuma assistência e sustento na constituição da nova família.(CATHARINO.T.R. – GIFFIN.K., 2002).

As famílias – tanto materna quanto paterna – tentam solucionar de alguma forma o sustento e a moradia do futuro casal. Tal fato revela que, a aceitação da gravidez, mais cedo ou mais tarde, acaba se impondo. Correlato a este movimento, podemos perceber um outro, freqüentemente relatado, de assunção do neto, como se ele fosse um filho, por parte da avó. Em alguns casos, a história da adolescente repete a história da mãe. Esta, também foi mãe na adolescência e em alguns casos, deu a

criança para sua própria mãe criar, o que agora parece ser retribuído pela filha.(CATHARINO-GIFFIT,2002. p.12)

Na pesquisa também constataram que as jovens grávidas em 96% dos casos abandonaram a escola, muito embora não desistiram do projeto de retornarem para a escola.

Algumas chegaram a retornar à escola, tendo, no entanto, que abandoná-la novamente, por ocasião de uma outra gravidez... Tal quadro deve ser comparado com os dados contidos no PNDS – Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (1996) no que diz respeito a educação formal.(CATHARINO-GIFFIT, 2002. p. 14).

Muitas das alunas da escola da Penitenciária Feminina de Campinas ficaram grávidas em algum momento de suas vidas e abandonaram seus estudos. A escola do presídio recupera este momento importante em suas vidas de retorno aos bancos escolares e completar seus estudos.

No projeto do governo do Estado de Goiás de Diretrizes para a Implantação do Programa Saúde e Prevenção nas Escolas, do Ministério da Saúde numa versão preliminar de setembro de 2005, Ministério da educação, Unesco e Unicef no sub-título: **Juventude e Vulnerabilidade: aspectos individuais, sociais e estruturais** trazem alguns recortes de que há uma diminuição gradativa da idade para o início da vida sexual dos brasileiros, aumentando a vulnerabilidade dos jovens à gravidez não planejada. A gravidez na adolescência permite associar esse fenômeno a diversos fatores, tais como: a vulnerabilidade individual e social, a falta de informação e acesso aos serviços de saúde e ao baixo status de adolescentes mulheres na sociedade. (PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS, 2005).

Segundo pesquisa sobre a gravidez na adolescência, divulgada pelo departamento de Ginecologia e Obstetrícia da faculdade de medicina de Ribeirão Preto – USP, é na faixa etária entre 10 e 19 anos, que é compreendida a adolescência da mulher, e que nesta fase há o surgimento de algumas características sexuais secundárias, conscientização da sexualidade, estruturação da personalidade, adaptação ambiental e integração social. A gravidez neste grupo populacional vem sendo considerada em alguns países, problema de saúde pública, uma vez que pode acarretar complicações obstétricas, com repercussões para a mãe e o recém-nascido, bem como problemas psicossociais e econômicos. Têm sido citados também efeitos negativos na qualidade de vida das jovens que engravidam, com prejuízo no seu crescimento pessoal e profissional. É importante lembrar, também, que se deve dar atenção sobre as atitudes que

ocorrem sobre essas jovens que engravidam. Existem evidências do abandono escolar por pressão da família, pelo fato da adolescente sentir vergonha devido à gravidez, e ainda, achar que “agora não é necessário estudar”. Pode haver também rejeição da própria escola. Por pressão dos colegas ou seus familiares e até de alguns professores. Uma estatística de 1990 aponta para que 39% das adolescentes grávidas abandonarem a escola, enquanto que entre as não grávidas o abandono foi de 19%.. Quanto ao retorno à escola e graduação, 30% de adolescentes que tinham engravidado voltaram e concluíram os estudos; quando não houve gravidez, essa cifra correspondeu a 85%.(YASSLE M.E.H.D, 2006).

5.1.2- Trabalho infantil: outra causa de abandono escolar

A segunda maior causa do abandono escolar respondida pelas mulheres da escola penitenciária de Campinas é o trabalho precoce ou o trabalho infantil. Nos anos 80, o término do regime político autoritário e a abertura democrática possibilitaram a intensificação das demandas sociais, desencadeando um intenso movimento nacional de defesa da criança e do adolescente. Este movimento envolvendo uma diversidade de atores sociais culminou na introdução do artigo 277 na constituição de 1988, expressando os direitos da criança na perspectiva da doutrina de proteção integral e estabelecendo os deveres do estado, da sociedade e da família para o seu cumprimento. Porém, o maior símbolo dessa trajetória reivindicatória foi a criação do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, definindo direitos e diretrizes para a política de atendimento. Especificamente sobre a questão do trabalho infantil, o grande marco no Brasil é a implantação do Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil (IPEC), da OIT - Organização Internacional do Trabalho, no ano de 1992. Então, o trabalho infantil adquiriu status de uma questão social, tornando-se objeto de esforços específicos, articulados e significativos, desempenhados através de parcerias estabelecidas entre organizações governamentais e não-governamentais órgãos multilaterais, entidades da sociedade civil até mesmo por instituições do setor privado. Nos últimos anos se definiu e se consolidou a vocalização da sociedade brasileira no tocante ao trabalho infantil, transformando-se esta em causa prioritária das agendas públicas. Os prejuízos do trabalho sobre a permanência das crianças na escola se fazem sentir gradativamente e ao longo do tempo: as trajetórias erráticas de evasão-retorno ao sistema escolar,

as sucessivas reprovações , o atraso etário com relação à série cursada culminam com o abandono definitivo dos estudos (MUNIZ ,SOBEL, 2008).

5.1.3- Romance como leitura favorita das alunas

A preferência pela leitura de romances para a maioria das mulheres é explicada por Cunha (1999) na sua teoria de como surge o gosto por este tipo de literatura mundial, o romance. Em seu livro *Armadilhas da Sedução – Os romances de M. Delly* a autora traduz como surgimento da prática da leitura de romances, particularizando os da Coleção Biblioteca das Moças, nome sugestivo feminino que encerra o gênero feminino dentro dessa modalidade de leitura também naquilo que tange a educação feminina.

Cunha (1999) mostra que a leitura dos romances feita entre as jovens da classe média da sociedade catarinense, entre as décadas de 1930-1960, reproduzia um modismo entre as suas leitoras que imaginavam a vida que os nobres europeus tinham e elas sonhavam em viver como eles viviam, copiando ou imitando as modas e os modismos que eles tinham como tradição. A associação mulher/romance se concretiza a partir do século XVIII e está ligada ao Romantismo, onde prevalece o espírito sobre a razão clássica, ou seja, há a prevalência da imaginação sobre o espírito crítico.(p.26)

É, principalmente, pela via literária que a leitura de romances sentimentais enquanto feminino aparece como tema constante; grandes leitoras são mostradas ao público pelo próprio romance uma vez que ‘os romances sentimentais tendem a ser reservados às mulheres, os bons sentimentos transformam-se em sentimentalismo.(CUNHA, 1999.p.25).

As histórias dos romances tinham uma linha de pensamento que giravam em torno do herói como sendo um homem nobre e rico; da heroína sendo uma pebléia e pobre, e o final da história do romance acaba no encontro entre os dois, finalizando com um casamento onde ambos serão felizes para sempre, assim como terminam os contos de fadas.(CUNHA,1999.p.15).

A associação mulher/romance vem de um pensamento ocidental que relaciona a mulher dona de casa com muito mais tempo para leituras, então, a elas são dedicados os títulos dos romances que as unam ao mundo dos afetos, dos sentimentos e emoções, desta forma os livros de romances trabalham com a intimidade feminina.

Ainda com relação ao binômio mulher e romance no Brasil dos fins do século XIX e início do século XX, machado de Assis, várias vezes e em obras distintas,

dirigia-se à leitora, parecendo admitir (convenção ou realidade?) que a leitora de romances é coisa feminina. A noção de que estava escrevendo para as mulheres é explícita em seus romances.(CUNHA, 1999,p.28).

Os romances escritos para as mulheres favorecem a sua imaginação Eles transpassam épocas fazendo-lhes sonhar. Os romances clássicos alcançam as leitoras de todas as classes sociais como também o fazem os folhetins e aqueles que convidam as mulheres a colocarem mais romance em suas vidas sem perder a chance de se apaixonar como é o caso do romance que atrai as leitoras de JULIA, SABRINA, BIANCA ,nos tempos atuais.(CUNHA, 1999, p. 67).

Outra autora sobre práticas de leitura das mulheres nos mostra que as professoras leitoras também tinham o hábito de ler o romance e que muitas vezes elas seguiam aquilo que lhes era imposto dentro das salas de aulas. Adquiriam o gosto de ler romances como leitura de mulher e aceitavam essa literatura posta a elas. Na escola liam os romances clássicos da literatura brasileira e fora dela liam aqueles romances cor-de-rosa da Nova Cultural e que tinham nome feminino como exemplo: SABRINA.

Esses romances devem ter também um poder de pressão e de propaganda forte, comparados à literatura dos chamados clássicos ou dos livros que não são vendidos em bancas de jornal. Nesse âmbito, valeria a discussão sobre as formas de circulação, produção, propaganda e marketing que envolvem esses livros.(GUEDES-PINTO,2002.p.215).

Guedes-Pinto (2002) mostra que a leitura de romances, como JULIA, atualmente é enorme e se assegura em uma reportagem colhida do jornal Folha de São Paulo, do dia 31/01/98, no caderno “Ilustrada”, cuja manchete traz: “Sabrina muda (pouco) do nº1 ao 1000, mostrando que existe um sucesso dessas coleções escolhidas como leitura pelas mulheres”.

Uma questão a elas posta foi sobre a quem culpavam pelo abandono escolar e a maioria das alunas culpa a si mesma, por haver interrompido seus estudos. Em segundo lugar não atribuem essa responsabilidade a ninguém pelo abandono escolar. Elas também se referem à dificuldade financeira e aos parentes por não continuarem seus estudos. Quanto às matérias que elas gostavam de estudar responderam que português, matemática, ciências e história eram as matérias preferidas. Ao responderem sobre as matérias que não gostavam, em primeiro lugar escolheram Matemática, em seguida Português e depois, Inglês.

APONTAMENTOS FINAIS

As lembranças das mulheres que freqüentam a escola do presídio de Campinas, em relação à escola que freqüentaram, trazem várias referências sentimentais entre os sujeitos. Entre elas e suas professoras são lembranças de afetividade como no caso de vínculos de amizade, paciência e atenção recebida de suas professoras. Tais características também estão freqüentes na escola do presídio e que fazem com que elas gostem de freqüentá-la como atenção, bom relacionamento com as monitoras e com a professora da FUNAP, bem como o companheirismo entre todas. Algumas alunas recordam-se da agressividade de suas professoras.

A maioria das alunas que responderam ao questionário, estudaram em escolas do interior do estado de São Paulo, lembrando que elas circulam entre os presídios com certa constância. A grande maioria respondeu que aquela escola teve importância para elas. E que atualmente esta escola do presídio também é muito importante para a aprendizagem, mudança de vida, bem como sua valorização. Muitas alunas não têm queixas formadas contra a escola do presídio, enquanto que outras constituíram queixas contra o pouco tempo de aula diária.

A escola do Presídio Feminino de Campinas foi escolhida pela maioria das alunas como o local onde elas mais gostam de permanecer dentro da Instituição.

A partir dos novos conceitos sociais e contatos pessoais, aos quais fui exposta incessantemente nesse estágio, prossegui numa reflexão sobre minha conscientização do trabalho de docente e também no de funcionária pública. Uma nova pessoa se constituiu em mim quando passei a olhar o outro como alguém e não como objeto de repressão. Modifiquei meu olhar para o outro, como alguém que se aproxima de mim, para ser ouvido e não para ser repellido. Esse alguém que grita por socorro pelas ruas, e, não como um grito de maledicência. Olho para o outro me pedindo ajuda, e então, não posso mais, lhe negar meus braços. “Meus inimigos” de trabalho, atualmente, podem me ver sem a minha máscara de “toda poderosa”, da mesma maneira que eu também os vejo sem “armadura” para se defenderem de mim. Neste estágio na prisão pude me conscientizar das grandes lacunas sociais que envolvem aos cidadãos. Muitos deles não conseguem ajuda estatal e acessar uma mudança de nível social, pelo contrário, há uma “colaboração” para que continuem como estão e mantenham-se nos seus níveis de origem.

Esse trabalho foi importante não só para a minha formação enquanto futura professora bem como por resignificar minha atuação nas ruas de Campinas onde me deparo cotidianamente com sujeitos em situação de vulnerabilidade social ou em conflito com a lei.

ANEXO

Questionário respondido pelas alunas da escola da FUNAP dentro do Presídio Feminino de Campinas nos dias 31 de agosto, 01 e 02 de setembro de 2009.

O perfil das alunas da Escola da Penitenciária Feminina de Campinas:

Esta é a apresentação da pesquisa sobre a situação das alunas que estão matriculadas na Escola da Penitenciária Feminina de Campinas formulando questões ou problemas subjetivos, pelos quais estas alunas passaram e vivem dentro da sua trajetória escolar.

As questões-problemas dirigidas para as alunas e monitoras da Escola da Penitenciária Feminina de Campinas foram escolhidas de acordo com objetivos específicos de condutas e lembranças, de forma que seja a representativa do universo da presente pesquisa sobre as “Lembranças Escolares de Mulheres Encarceradas na Penitenciária Feminina de Campinas”. Neste Trabalho de Conclusão de Curso constituiu-se objeto de pesquisa a Penitenciária Feminina de Campinas e as penitenciárias do Complexo Penitenciário Campinas-Hortolândia.

Trata-se da análise das informações colhidas por meio de um questionário posto a todas elas na data de novembro de 2009.

Na escola estão matriculadas regularmente oitenta e duas alunas e ali trabalham quatro monitoras.

Os questionários:

Para a obtenção destes dados foram confeccionados e distribuídos oitenta e seis questionários, dos quais foram respondidos cinquenta e dois pelas alunas e dois pelas monitoras da escola. Cada questionário contém trinta perguntas subjetivas.

Os dados coletados nos questionários respondidos foram tabulados, analisados e interpretados, consistindo na documentação direta do levantamento das respostas neles contidas.

Idade:

Na escola estão matriculadas vinte e duas alunas com idade média entre 20-29 anos e dezoito entre 30-39 anos, constituindo-se uma população de mulheres ainda jovens.

Origem:

A maioria delas são oriundas das cidades do interior do estado de São Paulo totalizando dezoito mulheres, em seguida estão aquelas que vieram de outros estados do Brasil.

Solteiras:

As solteiras prevalecem entre as alunas, totalizando trinta e duas mulheres.

Um número grande delas, quarenta e duas, são mães. O número de filhos constante é de um a cinco filhos por aluna. Das alunas três dela não responderam a pergunta sobre a sua maternidade e uma delas respondeu que não é mãe. No total o número de filhos é de cento e sessenta e quatro, variando entre uma e até mais de sessenta anos.

Com quem ficam os seus filhos:

Os parentes próximos se responsabilizam pela assistência aos filhos das alunas enquanto elas estiverem encarceradas. Em seguida vêm os pais como cuidadores dos filhos. Três

alunas não responderam quem cuida de seus filhos e seis crianças filhos de uma aluna estão sob a guarda do Conselho Tutelar.

Matrículas:

Quanto ao nível de ensino a maioria está matriculada no Ensino Fundamental, em seguida estão matriculadas as alunas do Ensino Médio, e por último são as do nível de alfabetização.

Abandono escolar:

A maioria das alunas deixaram de ir para a escola regular porque ficaram grávidas na adolescência, aqui tida como a primeira causa do abandono escolar. A segunda maior causa do abandono escolar entre as alunas da escola da Penitenciária Feminina de Campinas vem o trabalho infantil. Seguidos pela falta de aptidão para estudar e desinteresse, problemas particulares familiares, mudanças de moradia, conflitos dentro da escola com ocorrência de expulsão, moradia longe da escola, separação dos pais, cuidar de parente doente, e uma das alunas respondeu, que nunca frequentou a escola regular.

Atribuição pelo abandono escolar:

Quando foi perguntado se elas consideravam algo ou alguém responsáveis pela condição do seu abandono escolar a resposta mais pertinente, em número de vinte e duas, foi aquela que elas se auto consideravam como sendo elas mesmas, as responsáveis pelo seu abandono escolar. Em seguida, foram dezessete respostas daquelas que não responsabilizavam ninguém pela causa do seu abandono escolar. Por último, estão aquelas que atribuíam aos seus parentes a causa pelo abandono escolar, seguido por outros motivos como a dificuldade financeira, não poder frequentar a escola e indisciplina.

Escolas que frequentaram:

Quanto às lembranças das mulheres da Escola da Penitenciária Feminina de Campinas segundo aos nomes das escolas que frequentaram e as cidades em que se localizavam, não houve a lembrança dos nomes das escolas. Nesta questão as alunas responderam em que estado da Federação elas estudaram. A maioria era oriunda das escolas do interior do estado de São Paulo, em número de vinte e oito alunas. Da cidade de Campinas eram cinco alunas. De outros estados vieram seis alunas. Da capital do estado de São Paulo vieram quatro alunas. Que não se recordavam onde haviam frequentado a escola, foi a resposta de cinco alunas; uma resposta de uma aluna foi inlegível e duas alunas responderam que nunca frequentaram escola.

Recordação boa ou ruim da escola:

Quanto às respostas para a pergunta de que se as recordações delas quanto às suas escolas terem sido boas ou ruins, a maioria respondeu que eram boas as recordações, num número de quarenta respostas. Seis alunas responderam que as recordações eram muito boas. Quatro responderam que eram recordações ruins. Duas alunas não se lembravam das recordações e duas responderam que nunca foram à escola.

Gostava de ir para a escola:

Gostar de ir para a escola foi uma lembrança afirmativa que quarenta e duas alunas responderam. Cinco delas respondeu que não gostavam de ir para a escola. Enquanto duas alunas

não se recordavam se gostavam ou não de ir para a escola. Três alunas responderam que não freqüentavam a escola.

A importância da escola para suas vidas:

Para a lembrança de que se aquela escola teve alguma importância em sua vida, a resposta afirmativa foi a mais numerosa com quarenta e quatro respostas. Que a escola não teve importância para sua vida responderam seis alunas. Uma aluna respondeu que a escola teve pouca importância para sua vida e a última respondeu que não freqüentou a escola.

A escola ajudou a crescer de alguma forma:

As lembranças das alunas sobre a escola as ter ajudado a crescer de alguma forma, e de que maneira ela as ajudou, vem com a afirmação em oito respostas e as alunas utilizaram muitas formas subjetivas de lembrar da ajuda da escola como: “a ler e escrever” com oito das afirmações; “a escola as ajudou como a ser cidadã crítica”; “a ter responsabilidade”; “a ter inteligência”; “a escola foi boa para mim”; “bastante, pois aprendi muitas coisas boas”; “tudo que sei hoje, é graças a ela”; “ajudou no ensinamento”, com cinco respostas; “a querer aprender”; “ajudou muito”; “conhecer pessoas diferentes”; “preparando para um futuro melhor”; “em todas as formas de educação”; “ajudou mentalmente e espiritualmente”; “a se desenvolver mais”; “ajudou nas disciplinas da vida”; “para o trabalho”; “aprendi que sempre posso mais”; “completar a 8ª série”; “ensinou respeito”; “enxergar as coisas como elas são”; “na formação de princípios”. Essa questão também foi respondida por quatro alunas que afirmaram que a escola não as ajudou de nenhuma forma, outras quatro não responderam. Uma aluna não se recorda. Uma aluna lembra-se de que “a escola não a ajudou porque ela não valorizou a escola”. Outras duas alunas responderam que: “a escola não me ajudou”. Uma aluna teve uma resposta incompreensível e outra não freqüentou a escola.

Acontecimentos na escola que as alunas não gostavam:

As alunas listaram as suas lembranças das coisas que aconteciam naquela escola, das quais elas não gostavam. A maioria das respostas foi em afirmar que não havia do que não gostar na escola, com vinte e três lembranças. Muitas lembranças mostraram desassossegos com referência ao comportamento das pessoas de dentro da escola, que as agrediam, e uma delas se manifestou referindo-se às matérias escolares. As expressões que as alunas utilizaram foram: “aprendizado deficiente”, com duas respostas; “brincadeiras de mau gosto”, também com duas respostas; “do inspetor de alunos”, “sofria agressões da professora”; “castigos da professora”; “a escola era nada interessante”; “não tinha quadra de futebol”; “brigas entre colegas”; “cantar o hino nacional”; “professores muito enérgicos”; “de alguns alunos, professores e dos feriados”; “aulas vagas”; “discriminação”; “falta de segurança”; “da aula de matemática”. Oito alunas não responderam esta questão, quatro alunas não se recordam e uma aluna não freqüentou a escola.

Disciplinas que mais gostavam:

Para as lembranças de quais disciplinas escolares que as alunas mais gostavam houve várias respostas múltiplas, nas quais dezoito se lembraram da Matemática, onze se lembraram que gostavam de Português, onze de Ciências, oito de História, seis de Geografia, cinco de Educação Física, quatro de Física, três de Inglês, duas de Biologia, duas de desenho artístico, duas de Música, duas de Química, uma de estudos Sociais, uma de francês, uma de Filosofia, uma de escrever e duas alunas lembraram que gostavam de todas as matérias escolares. Aquelas alunas

que não se recordavam das disciplinas que mais gostavam, foram quatro. Dez alunas não responderam a esta questão. Uma aluna afirmou que: “após o término das provas ir para a quadra”. Uma outra aluna lembra de que “quando não havia bagunça na sala”.

Equilíbrio entre as disciplinas:

Para as recordações das alunas referentes às disciplinas que mais gostavam, houve várias respostas múltiplas onde coube um equilíbrio entre as matérias que menos gostavam com aquelas que mais gostavam.

Disciplinas que menos gostavam:

A matéria de Matemática foi mostrada com a matéria que as alunas menos gostavam, com quinze repostas; em seguida vem Português com onze respostas, Inglês com sete lembranças, Geografia com três respostas, Física com três, Ciências com duas, Química com uma, Educação Física com uma e História com uma. Seis alunas não têm queixas. Dez alunas não responderam e três alunas não se recordavam.

Professoras que marcaram:

Para a lembrança de que alguma professora as marcou sentimentalmente houve quarenta e três alunas que afirmaram que sim. Seis alunas responderam que não foram marcadas sentimentalmente pelas professoras e três alunas não responderam a pergunta.

Lembranças dos nomes das professoras:

Trinta e sete alunas recordavam dos nomes das professoras que as marcaram sentimentalmente, quinze alunas não se recordavam de seus nomes.

Acontecimentos entre elas:

Os acontecimentos entre as professoras e as alunas foram lembrados como em onze lembranças sobre os laços de amizade entre elas; dezessete para a atenção; cinco para a paciência; cinco para professora agressiva; três para carinho; três para respeito; uma para autoritária; uma para desentendimento; uma para a professora que não ensinava os alunos e duas não se recordavam. As alunas lembraram dos afetos que recebiam das professoras, mas também foram marcadas por castigos e repressão. Esta pergunta não foi respondida por dez alunas sobre o que aconteceu entre elas.

Outras situações que as marcaram:

As alunas lembravam que na escola ocorreram situações com outras pessoas que as marcaram também com a resposta afirmativa para trinta e três alunas. Doze responderam que não. Cinco não se recordavam e três não responderam a questão.

Biblioteca na escola:

As alunas se lembravam que na escola havia biblioteca em quarenta respostas. Oito responderam que não havia biblioteca na escola, duas alunas não responderam e duas não recordavam.

Leitura preferida:

Na pergunta sobre as lembranças de quais eram seus livros preferidos. Houve entre as alunas respostas múltiplas de preferências literárias, das quais o romance era o mais escolhido entre as suas leituras. Quatorze alunas disseram escolher o romance, cinco para literatura infantil, quatro para ficção, quatro para livros religiosos, três para contos de fada, três para História, duas para estórias em quadrinhos, duas para Ciências, duas para livros com ilustrações, uma para Matemática, uma para Medicina, uma para Direito, uma para auto-ajuda e uma para a cartilha. As alunas que não responderam essa questão sobre seus livros preferidos foram quatro delas. Dez alunas não liam e seis não tinham nenhuma preferência literária.

A escola da Penitenciária Feminina de Campinas e sua importância:

Na pergunta para as alunas se esta escola da Penitenciária Feminina de Campinas era importante para elas, obtive a resposta afirmativa de todas elas.

Quem apresenta a escola do presídio para a aluna:

Como as alunas ficavam sabendo sobre as aulas da escola do presídio, a maioria respondeu que soube por intermédio das outras reeducandas com trinta e oito respostas. A direção do presídio informou para nove alunas. Duas souberam pelos funcionários da instituição. Uma soube por parentes. Uma pelas monitoras e uma leu nos cartazes do presídio.

O que significa estar na escola:

Algumas respostas subjetivas foram dadas para a pergunta sobre o que significa para você estar aqui neste espaço escolar como: “importante para o aprendizado” para vinte e sete alunas; “mudança de vida” para treze; “muito importante” para onze; “novo ambiente na cadeia” para seis; “valorização da vida” para cinco; “sentimento de estar menos presa” para duas e duas alunas não responderam esta pergunta.

O lugar onde as alunas preferem ficar dentro do presídio:

Na escola é onde as alunas gostavam de ficar por mais tempo dentro do presídio numa preferência por quarenta das alunas que responderam ao questionário. Onze elegeram as celas (jegas) para ficarem por mais tempo. Duas alunas gostavam de ficar na quadra de esportes, duas no pátio de convívio, uma respondeu que gostava de ficar na biblioteca e uma não respondeu a questão.

Momentos em que procuram as leituras:

Em quais momentos você busca algum livro para suas leituras obteve a resposta de vinte e duas alunas: sempre. Sete, das alunas não fazem leituras. Seis, buscam as leituras para estudar. Cinco, nos momentos de tristeza. Quatro alunas não responderam. Três, nos momentos de tranquilidade. Três, nos momentos de ansiedade; uma, nos momentos de felicidade; e uma, nos finais de semana.

Suspensão na escola do presídio:

Na pergunta se na escola do presídio elas sofreram suspensão das aulas por algum motivo: uma aluna não respondeu, três foram suspensas e quarenta e nove não foram suspensas. Duas alunas foram suspensas porque foram pegas fumando próximo da Ala disciplinar e uma foi suspensa por ser portadora da doença da Tuberculose.

Acolhimento dentro da escola:

A maioria respondeu que era bem acolhida na escola do presídio e também a maioria não apresentavam queixas contra a escola, porém algumas alunas achavam que tinham pouco tempo de aula (2h/dia), outras que não havia aula diariamente, uma da falta de material escolar e outra do barulho extraclasse.

A maioria das alunas afirmou que a escola do presídio é diferente daquela escola que elas frequentavam e que também foram cativadas ali por alguém.

A forma pela qual elas foram cativadas dentro da escola do presídio corresponde aos sentimentos de proximidade interpessoal como o da atenção, companheirismo, carinho, motivação, boa relação com as monitoras e com a professora da FUNAP, afinidades entre as alunas, compreensão e por último se referem à paciência das monitoras da escola.

Questão 1 - Quantos anos você tem?

Idade das alunas	nº de alunas
20 a 29 anos	22 alunas
30 a 39 anos	18 alunas
40 a 49 anos	8 alunas
50 a 59 anos	2 alunas
Acima de 60 anos	2 alunas

Questão 2 – Escreva o nome da cidade, do estado e do país que você nasceu.

Campinas	3 alunas
São Paulo capital	6 alunas
Interior do estado de SP	28 alunas
Outros estados: Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul	15 alunas

Questão 3 – Qual é seu estado civil?

Solteiras	32 alunas
Casadas	8 alunas
Divorciadas	2 alunas
União estável	7 alunas
Viúvas	1 aluna
Não respondeu	2 alunas

Questão 4 –a)- Quantos filhos você tem?

b)-Coloque entre parênteses () a idade deles.

a)-número de filhos

De 01 até 05 filhos	42 alunas
De 06 até 10 filhos	6 alunas
Não tem filhos	1 aluna
Não respondeu	3 alunas

b) - idade dos filhos

De 1 até 03 anos	09 filhos
De 04 até 06 anos	22 filhos
De 07 até 09 anos	24 filhos
Acima de 09 anos	109 filhos
Total de crianças	164 filhos

Questão 5 – Quem se responsabiliza por eles no seu período de reclusão?

O próprio pai	7 homens
Parentes próximos	36 parentes
Cuidam de si mesmos	6 filhos
Abrigo Tutelar	6 filhos de uma aluna
Não respondeu	3 mulheres

Questão 6 - Em que nível escolar você está matriculada?

Alfabetização	7 alunas
Ensino Fundamental	31 alunas
Ensino Médio	16 alunas
Não matriculadas	2 monitoras

Questão 7 – Porque você deixou de ir para a escola regular?

Gravidez	16 alunas
Trabalho	14 alunas
Mudanças de moradia	2 alunas
Falta de aptidão para estudar	3 alunas
Brigava muito e foi expulsa	2 alunas
Nunca frequentou a escola	1 aluna
Problemas familiares	3 alunas
Para curtir a rua	1 aluna
Morava no sítio	1 aluna
desinteresse	3 alunas
Para cuidar de familiar doente	1 aluna
Separação de seus pais	1 aluna
Motivo fútil	1 aluna
Terminou os estudos	1 aluna

**Questão 8 – Algo ou alguém foi responsável por isso?
Quem ou o quê?**

A si mesma	22 alunas
A ninguém	17 alunas
Aos parentes	5 alunas
Dificuldade financeira	3 alunas
Nunca pode freqüentar	2 alunas
Indisciplina	1 aluna
A mulher que a criou	1 aluna
Muito desentendimento	1 aluna

Questão 9 – Qual é o nome da(s) escolas(s) que você freqüentou e em que cidade ela fica localizada?

Cidade de localização das escolas:

Campinas	5 escolas
São Paulo capital	4 escolas
Interior do estado de SP	28 escolas
Outros estados: Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná	6 escolas
Não se recordam	5 alunas
Incompreensível	1 aluna
Nunca freqüentou a escola	2 alunas
Não respondeu	1 aluna

Questão 10 – As suas recordações daquela escola são boas ou ruins?

Muito boas	6 alunas
Boas	40 alunas
Ruins	4 alunas
Não se recorda	2 alunas
Nunca freqüentou a escola	2 alunas

Questão 11 – Você gostava de ir para a escola?

Sim	42 alunas
Não	5 alunas
Às vezes	2 alunas
Não freqüentava	3 alunas

Questão 12 – Aquela escola teve alguma importância para a sua vida?

Sim	44 alunas
Não	6 alunas
Nunca freqüentava	1 alunas
Pouca importância	1 alunas

**Questão 13 – A escola te ajudou a crescer de alguma forma?
De que jeito ela te ajudou?**

A ler e escrever	8 respostas
A ser cidadã crítica	1 resposta
A ter responsabilidade	1 resposta
A ter inteligência	1 resposta
A escola foi boa para mim	1 resposta
Não freqüentou a escola	1 resposta
Incompreensível	2 respostas
Bastante, pois aprendi muitas coisas boas	3 respostas
Tudo que sei hoje, é graças a ela	1 resposta
A escola não me ajudou	2 respostas
Ajudou no ensinamento	5 respostas
Não respondeu	4 respostas
Não, porque não valorizou a escola	1 respostas
Não se recorda	1 resposta
De nenhuma forma	4 resposta
A querer aprender	1 respostas
Ajudou muito	2 respostas 1 resposta
Conhecer pessoas diferentes	2 respostas
Preparando para um futuro melhor	1 resposta
Em todas as formas de educação	2 respostas
Ajudou mentalmente e espiritualmente	1 resposta
A se desenvolver mais	1 resposta
Ajudou nas disciplinas da vida	1 resposta
Para o trabalho	1 resposta
Aprendi que sempre posso mais	2 respostas
Completar a 8ª série	1 resposta
Ensinou respeito	1 resposta
Enxergar as coisas como	1 resposta

elas são	
Na formação de princípios	1 resposta

Questão 14 – Faça uma lista das coisas que aconteciam naquela escola, das quais você não gostava.

Não havia do que não gostar	23 respostas
Aprendizado deficiente	2 respostas
Não recorda	4 respostas
Não respondeu	8 respostas
Brincadeiras de mau gosto	2 respostas
Da aula de Matemática	1 resposta
Inspetor de alunos	1 resposta
Sofria Agressão da professora	2 respostas
Não frequentou	1 resposta
Castigos da professora	1 resposta
A escola era nada interessante	1 resposta
Não tinha quadra de futebol	1 resposta
Brigas entre colegas	1 resposta
Cantar o hino nacional	1 resposta
Professores muito enérgicos	1 resposta
De alguns alunos, professores e dos feriados	1 resposta
Aulas vagas	1 resposta
Discriminação	1 resposta
Falta der segurança	1 resposta

Questão 15 – Quais eram as disciplinas que você gostava?

Português	11 respostas
Matemática	18 respostas
História	8 respostas
Ciências	11 respostas
Geografia	6 respostas
Inglês	3 respostas
Biologia	2 respostas
Não recorda	4 respostas
Não respondeu	10 respostas
Gostava de todas	2 respostas
Após o término das provas	1 resposta

ir para a quadra	
Quando não havia bagunça na sala	1 resposta
Física	4 respostas
Educação Física	5 respostas
Desenho artístico	2 respostas
Estudos Sociais	1 resposta
Francês	1 resposta
Música	2 respostas
Química	2 respostas
Escrever	1 resposta
Filosofia	1 resposta

Questão 16 – Quais eram as disciplinas que você não gostava?

Português	11 respostas
Matemática	15 respostas
História	1 resposta
Geografia	3 respostas
Inglês	6 respostas
Ciências	2 respostas
Educação Física	1 resposta
Sem queixas	5 respostas
Não recorda	3 respostas
Não respondeu	10 respostas
Educação Artística	2 respostas
Inglês	1 resposta
Não tem queixas	1 resposta
Física	3 respostas
Química	1 resposta

Questão 17 – a)-Alguma professora te marcou sentimentalmente?

Qual era o nome dela?

a)-foram marcadas sentimentalmente:

Sim	43 respostas
Não	6 respostas
Não respondeu	3 respostas

b) – recordação do nome da professora:

Sim	37 respostas
Não	2 respostas
Não recorda	13 respostas

Questão 18 – escreva o que aconteceu entre vocês.

Laços de amizade	11 respostas
Atenção	17 respostas
Paciência	5 respostas
Autoritária	1 resposta
Não respondeu	10 respostas
Professora agressiva	5 respostas
Carinho	3 respostas
Desentendimento	1 resposta
Respeito	3 respostas
Não ensinava aos alunos	1 resposta
Não se recorda	2 respostas

Questões 19 – Naquela escola ocorreram situações com outras pessoas que te marcaram?

Sim	33 respostas
Não	12 respostas
Não recorda	5 respostas
Não respondeu	3 respostas

Questão 20 – Naquela escola tinha biblioteca?

Sim	40 respostas
Não	8 respostas
Não respondeu	2 respostas
Não recorda	2 respostas

Questão 21 – Quais eram seus livros preferidos?

Literatura Infantil	5 respostas
Romance	14 respostas
Não lia	10 respostas
Ciências	2 respostas
Com ilustrações	2 respostas
Religiosos	4 respostas
Matemática	1 resposta
Não tinha preferidos	6 respostas
Contos de fadas	3 respostas
História	3 respostas
Não respondeu	4 respostas
A Cartilha	1 resposta
Histórias em quadrinhos	2 respostas
Ficção	4 respostas
Auto ajuda	1 resposta
Medicina	1 resposta
Direito	1 resposta

Questão 22 – Esta escola do presídio feminino de Campinas é importante para você?

Sim	52 respostas
------------	---------------------

Questão 23 – Como você ficou sabendo sobre as aulas desta escola do presídio?

Reeducandas	38 respostas
Direção do Presídio	9 respostas
Pelas Monitoras	1 resposta
Parentes	1 resposta
Cartazes	1 resposta
Funcionários	2 respostas

Questão 24 – O que significa para você estar aqui neste espaço escolar?

Mudança de vida	13 respostas
Valorização da vida	5 respostas
Muito importante	11 respostas
Importante para o aprendizado	27 respostas
Enriquecimento cultural	3 respostas
Ocupação do tempo com a educação	4 respostas
Não respondeu	2 respostas
Novo ambiente na cadeia	6 respostas
Sentimento de estar menos presa	2 respostas

Questão 25 – Onde você gosta de ficar por mais tempo aqui no presídio?

Na escola	40 respostas
Na cela (Jégas)	11 respostas
No pátio de convívio	2 respostas
Não respondeu	1 resposta
Na biblioteca	1 resposta
Na quadra de esportes	2 respostas

Questão 26 – Em quais momentos você busca algum livro para suas leituras?

De ansiedade	3 respostas
Nos momentos de felicidade	1 resposta
Sempre	22 respostas
Não faz leituras	7 respostas
Oração	

Não respondeu	4 respostas
Nos momentos de tranquilidade	3 respostas
Nos momentos de tristeza	5 respostas
Para estudar	6 respostas
Nos finais de semana	1 resposta

Questão 27 – a)-Aqui na escola do presídio você sofreu suspensão das aulas por algum motivo?

b)-Qual foi?

a)- sofreram suspensão:

Sim	3 respostas
Não	49 respostas
Não respondeu	1 resposta

b)-motivo da suspensão:

Aluna pega fumando próximo da Ala Disciplinar	2 respostas
Portadora de tuberculose	1 respostas

Questão 28 – a)- Aqui nesta escola você é bem acolhida?

b)-Qual sua queixa contra esta escola?

a)É bem acolhida nesta escola:

Sim	47 respostas
------------	---------------------

b)-Queixas contra a escola:

Sem queixas	35 respostas
Pouco tempo de aula(2h/dia)	8 respostas
Não há aulas diárias	2 respostas
Necessidade de material escolar	1 resposta
Barulhos externos (bate chão)	1 resposta

Questão 29 – Esta escola é diferente daquela outra que você frequentava?

Sim	48 respostas
Não	2 respostas
Não respondeu	2 respostas

Questão 30 – a)- Aqui nesta escola tem alguém que te cativou ?

b) de que jeito isso acontece?

a)-Na escola do Presídio Feminino de Campinas alguém te cativou?

Sim	43 respostas
Não	5 respostas
Não respondeu	4 respostas

b)- De que jeito isso acontece?

Atenção	11 respostas
Companheirismo	4 respostas
Carinho	1 resposta
Motivação	5 respostas
Não respondeu	12 respostas
Boa relação com as monitoras e com a professora da FUNAP	16 respostas
Monitora gosta de nos ensinar	8 respostas
Afinidade entre as alunas	5 respostas
Compreensão	1 resposta
Paciência das monitoras	1 resposta

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, D. G. – Pesquisa pelo CNPQ. [online]. Disponível em: < <http://www.prp.unicamp.br/pibic/congresso/paineis/070629.pdf>. > Acesso em 21 de outubro de 2009.

AMARAL,C. – CAMPINEIRO, D. – SILVEIRA, C.,2000. *Trabalho infantil: examinando o problema, avaliando estratégias de erradicação*. Napp-Núcleo de Assessoria Planejamento e pesquisa. UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2000. p.48. [online]. Disponível em:< [www.iets.org.br/biblioteca/Trabalho infantil examinando o problema avaliando estrategias de _erra .](http://www.iets.org.br/biblioteca/Trabalho_infantil_examinando_o_problema_avaliando_estrategias_de_erra) >Acessado em 08 de novembro de 2009.

BARROS, C. – PAULINO, W. *Ciências-O corpo Humano - A Reprodução*. Manual do Professor, 3ª edição, 1ª impressão. São Paulo, 2007.

BRASIL, Código de Processo Penal, Lei 7.210/1984.

CANTO DA LIBERDADE, 2005. *Tipos de Regime*. Imprensa Oficial - Secretaria Da Administração Penitenciária –Casa Civil – Governo De São Paulo. ed 01,São Paulo,2005.

CANTO DA LIBERDADE, 2006. *Educação no sistema prisional*. Imprensa Oficial – Secretaria Da Administração Penitenciária – Casa Civil – Governo De São Paulo. ed.03, São Paulo, 2006.

CATHARINO,T.R. – GIFFIN,K. *Gravidez e Adolescência – Investigação de um problema moderno*. UERJ – NUGERA – Secretaria. Estadual de Saúde. , Escola Nacional de Saúde Pública,2002.Rio de Janeiro Disponível em : < www.abcp.nepo.unicamp.br/.../Com_JUV_St7_Catharino_texto.pdf > Acesso em 21 de junho de 2010.

CUNHA, M. T. S. *Armadilhas da Sedução – Os romances de M. Delly*. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 1999.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir - Nascimento da Prisão*. ed.3 Editora Vozes. Petrópolis, 1984.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. ed.22. Editora Graal. São Paulo, 2006.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1983.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. ed. 6. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1997.

FUNAP, 2006. Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel. *Presos de São Paulo lêem e escrevem melhor que população brasileira*. São Paulo, 28 de abril de 2006 [online]. Disponível em: <http://www.funap.sp.gov.br/news_45.html> Acesso em 16 de março de 2010.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Mulheres brasileiras , educação e trabalho*. [online]. Disponível em: < www.fcc.org.br/mulher/series_historicas/mbet.html > Acesso em 21 de junho de 2010.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. *O que é telessala*. São Paulo [online]. Disponível em : < <http://www.telecurso2000.org.br/index.html#/main.jsp?lumPageId=40288187141C7E3201141C> > Acesso em 08 de agosto de 2010.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, 1987.

GUEDES-PINTO, A.L. *Rememorando Trajetórias da Professora-Alfabetizadora, A Leitura como Prática Constitutiva de sua Identidade e Formação Profissionais*. Campinas, 2002.

GUEDES-PINTO (2002) mostra que a leitura de romances, como JULIA, atualmente é enorme e se assegura em uma reportagem colhida do jornal Folha de São Paulo, do dia 31 de janeiro de 1998, no caderno “Ilustrada”.

MAGALHÃES, C. M. *Contravenção, Crime e Relação de Gênero*. *Revista Serviço Social & Sociedade*, Ano XXII – nº 67 – setembro. Editora Cortez. São Paulo, 2001.

MELO, M. *A Coragem de Crescer a: Sonhos, História e Novos Caminhos*. Rio de Janeiro, 2005.

MONTEIRO, M. R. *A educação prisional: uma visão histórica do descaso*. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, TCC, Campinas, 2007.

MUNIZ, A.L.P., SOBEL, T.F. *Avanços e retrocessos no arcabouço jurídico de proteção às crianças e adolescentes*, 2008. [online]. Disponível em: < http://www.abcp.nepo.unicamp.br/encontro.2008/docsPDF/ABEP2008_998.pdf > Acesso em 21 de junho de 2010.

PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS. *(Diretrizes para Implantação do projeto saúde e prevenção nas escolas*. Versão preliminar, 2005. [online] Disponível em: < <http://www.sgc.goias.gov.br/> >. Acesso em 21 de junho de 2010.

PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO – *Secretaria da Administração Penitenciária – Unidades Prisionais – Campinas – Penitenciária Feminina de Campinas*. [online]. Disponível em : < <http://www.sap.sp.gov.br/common/unidades.html>. > Acesso em 18 de abril de 2010.

PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007. *Programa da FUNAP leva educação a mais de 13 mil detentos*. [online]. Disponível em: < http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticias.php?id_=84462 > Acesso em 08 de julho de 2009.

PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007. *Um incentivo à educação*. [online]. Disponível em: < http://www.funap.sp.gov.br/news_27html > Acesso em 08 de julho de 2009.

PORTAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2008 – *Legislação- Portaria 100, de 04 de julho de 2008*. [online]. Disponível em : < http://www.enceja.inep.gov.br/index.php?option=com_content&ask=view&id=118 >. Acesso em 21 de junho de 2010.

PORTAL DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA - PORTAL DO CIDADÃO, 2007. *Educação em prisões-Sistema Prisional - Infopen*. [online]. Disponível em: < <http://www.mj.gov.br> >. Acesso em 12 de outubro de 2009.

ROCHA. L. M. N. *Poder Judiciário e violência doméstica contra a mulher: a defesa da família como função da Justiça*. Revista Serviço Social & Sociedade. Editora Cortez. ANO XXII-Especial - Nº67. Ribeirão Preto, 2001.

VARELLA, D. *Estação Carandiru*. Editora Companhia Das Letras. São Paulo, 2002.

YAZLLE M.E.H.D. *Gravidez na Adolescência*. Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia. Vol 28-Nº8. Rio de Janeiro, 2006.